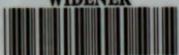


Garrido - Ensaíos Historicos - 1ª Ser. - 1871

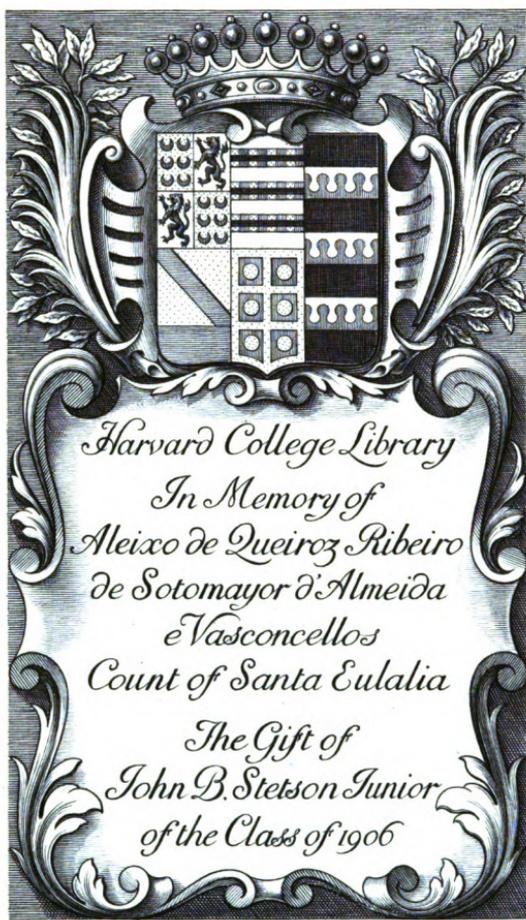
Port
5033

WIDENER



HN ZJ6P \$

Port 6033.78.105



J. G. BOURNE

LONDON 1907

1475 *Part. un.*

Clare-56

LUIZ GARRIDO

ENSAIOS

HISTORICOS

E CRITICOS

Cesar — Augusto

Prosper Mérimée — Beulé

Napoleão III — Luciano

COIMBRA

Imprensa da Universidade

ENSAIOS
HISTORICOS E CRITICOS

ENSAIOS
HISTORICOS E CRITICOS

POR

LUIZ GARRIDO

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1871

1
Port 6033.76.105
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

OS FUNDADORES DO IMPERIO ROMANO

I

CESAR

I

Quando, nas horas supremas da agonia da liberdade romana, a republica se achou dividida em dois campos contrarios, os deuses foram favoraveis ao oppressor da patria, mas a causa que estava destinada a succumbir teve por si o voto de Catão. *Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni*. Este bello pensamento de Lucano importa porém uma injustiça, se não estendermos um dos elogios nelle formulados aos outros defensores das leis e da liberdade, a esses sobreviventes de Pharsalia, que foram fecundar com os seus restos mortaes Thapso na Africa e Munda na Hespanha.

A destruição da liberdade foi, em Roma, não uma tragedia classica sujeita á regra das unidades, mas um drama romantico, de uma acção variada e complicadissima, re-

presentado por muitas figuras, e podendo excitar o terror e a piedade mais energicamente do que as mais vigorosas criações da Melpomene grega. Cada um dos episodios é por si só uma acção completa, lamentavel, com suas peripécias particulares e seu desfecho proprio; os mezes e os annos succedem-se, marcados pela morte, pelo exilio, pela ruina, dos mais nobres cidadãos, até á catastrophe final que vinga todas as outras; o mundo é o theatro, do Oriente ao Occidente, das mattas impenetraveis da Gallia até ás plagas ardentes da Africa; e, para que nada falte a esta immensa peça, de ordem composta, que abrange todos os generos, além das scenas pouco severas que variam a cada passo os mais lugubres episodios, o espectador vê desenrolar diante dos seus olhos uma acção correspondente á peça satyrica que os tragicos de Athenas reuniam ás suas trilogias. É a demora de Cesar em Alexandria, depois da batalha de Pharsalia, são esses singulares amores de um homem gasto por todos os excessos, extenuado, epileptico, quinquagenario, com uma mulher que parecia resumir na sua pessoa todas as seducções de um mundo que expirava, destituida da belleza cuja contemplação e adoração levanta os espiritos acima das cobiças terrestres, mas no ultimo ponto tentadora, e profundamente versada nas artes do voluptuoso Oriente, do refinado Egypto, e da refinadissima e voluptuosissima e monstruosa raça dos Lagidas.

Este episodio curioso mostra o que valia a politica de Cesar. Uma eschola moderna, que pretende justificar todos os despotismos do passado, para nobilitar todos os do presente, tem procurado impôr á nossa admiração o politico, previdente, o dedicado e esclarecido amigo da humanidade,

que, no seu dizer, existiam em Cesar. Para esta escola, a quem ninguem poderá contestar um espirito largo, desdenhoso de certas considerações que os homens tinham antigamente em muita conta, e que ainda hoje valem aos olhos de alguns, considerações de pouco tomo, em summa, taes como a honra, a legalidade, o patriotismo, para esta escola, digo, Cesar, calcando aos pés as leis do seu paiz; voltando contra a patria o exercito que a patria lhe confiara; seduzindo os cidadãos com oiro roubado aos povos cuja sujeição lhe fôra commettida; exterminando os teimosos, que resistiam, em tres grandes batalhas, e num immenso numero de combates menores; levantando a sua vontade acima do poder soberano de Roma; fazendo e desfazendo magistrados; confiando os cargos mais importantes do estado aos seus partidarios, aos seus amigos, aos seus predilectos ¹; constringendo aquelles dos seus adversarios que a morte poupava a uma cumplicidade disfarçada sob a fórma das magistraturas que lhes concedia; enchendo a republica de sangue, de terror, de desalento, de ignominia; provocando o suicidio de Catão, as fraquezas de Cicero, o crime de Bruto; commettendo todos estes attentados do modo mais audaz, mais descarado, mais desdenhoso; vibrando aos vencidos o supremo insulto da sua clemencia; numa palavra, não consentindo que um só cidadão illustre ficasse immaculado, nem que um unico sentimento nobre escapasse intacto do prodigioso naufragio das instituições, dos costumes, dos principios, das virtudes romanas; Cesar foi um bemfeitor da humanidade, um d'esses homens pro-

¹ *Pueri.*

videnciaes, que apparecem de seculos a seculos para dirigir, castigar, reformar, melhorar os povos.

Deus escreve direito por linhas tortas. Assim diz o proverbio, assim estamos vendo todos os dias. Mas os que seguem neste mundo pelas vias obliquas, repugna á consciencia humana tel-os como bemfeitores da humanidade. A moral é uma só. O dever é uma lei absoluta. Todas as vidas que contrariam a lei são, não só estereis, mas perniciosas. D'aqui não ha que sahir.

A modificação que resultou do crime de Cesar foi a muitos respeitos util ás classes menos favorecidas do mundo antigo, assim como aos povos que entravam como satellites humildes no grande systema romano. Mas é preciso distinguir cuidadosamente os beneficios devidos ás alterações constitucionaes d'aquelles que cumpre attribuir ao progresso natural das sociedades. A Roma dos Antoninos, por exemplo, immensamente inferior, na ordem politica, á dos Sci-piões, levava-lhe uma grande vantagem na ordem moral. Havemos de inferir d'aqui que o desenvolvimento e a victoria da philosophia estoica foi devido á revolução de Cesar? que a rapida propagação dos principios christãos foi um dos resultados da politica de Augusto?

Quem procura apreciar seriamente os actos dos homens extraordinarios que teem influido de um modo decisivo nos destinos das sociedades, deve indagar o que esses homens quizeram, e como quizeram, quaes foram as suas intenções, e que meios empregaram para as realisar. Quando os actos estão em desharmonia com as intenções, e esses actos foram uteis, o juizo favoravel que a obra merece não póde estender-se ao artista.

Ora a minha opinião a respeito da revolução cesarea é que todo quanto mal ella espalhou sobre o mundo deve ser imputado a Cesar, e que, pelo contrario, o bem que d'ahi resultou não se lhe póde attribuir a elle. A intenção de Cesar não era beneficiar os seus semelhantes, e muito menos fecundar o futuro, como agora se diz ; a sua obra foi uma obra de egoismo.

Que todo o mal tem de lhe ser imputado é facil provar. Homens taes como Mario, como Antonio, como esses impetuosos invasores do imperio do Occidente, os Radagasios, os Gensericos, assimelham-se mais, nos seus furores, ás forças cegas e inconscientes da natureza do que ás forças livres e intelligentes a que o mundo social está entregue. Mas Cesar não póde invocar a este respeito nenhuma circumstancia attenuante. Corrupto, depravado, immoral, como poucos homens nos apparecem na historia, tinha-o dotado a natureza, numa hora funesta, da intelligencia mais clara, mais extensa, mais vigorosa e mais infatigavel, de que ha memoria. Com este dom precioso recebera elle outros de grande apreço, um raro bom-senso, um singular imperio sobre si proprio e sobre os outros, as graças externas, a seducção, esse valor mais do que heroico que consiste em abstrahir sempre do perigo ; e, para realçar os grandes dons naturaes que elle cuidadosamente aperfeiçoava, fizera-o a sorte nascer numa d'essas posições eminentes que servem admiravelmente de pedestal, tanto aos Syllas, quando apertam nos pulsos populares as algemas patricias, como aos Clodios, quando offerecem aos demagogos o prestigio do sangue que lhes corre nas veias, e o odio inextinguivel que abrasa os transfugas contra os do gremio que abandonaram.

Portanto Cesar era responsavel por todas as suas acções. Sabia o que fazia, e porque o fazia. Ora, como nunca fez senão o mal, as suas intenções estão conhecidas.

Não é difficil descobrir qual o fito de todos os actos da vida publica de Cesar. Desde o principio da sua carreira, tudo nelle mirava ao poder supremo. Não lhe consentia a sua nobre natureza que fizesse ás suas ambições os sacrificios de Otho... *omnia serviliter pro dominatione*; pelo contrario, a sua estrêa foi uma invencivel resistencia á vontade do omnipotente dictador, cujos olhos perspicazes descobriram no effeminado mancebo muitos Marios. Escapo, como por milagre, á colera de Sylla, durante o periodo, pouco brilhante mas muito activo, da sua vida, que vai até ao começo da guerra das Gallias, não cessou um só dia o joven patricio de levantar contra a republica, isto é, contra as leis, contra as instituições do seu paiz, todas as forças anarchicas que as precedentes revoluções tinham desenvolvido na sociedade romana. Inferior em gloria a Pompeu, em virtude e auctoridade a Catão, em eloquencia a Cicero, em riqueza a Lucullo e Crasso, reconhecendo que todas as superioridades eram precisas para alcançar o fim que se propunha, depois de ter perturbado a republica por muitos annos com a lei agraria do tribuno Rullo, com a conjuração de Catilina, com o primeiro triumvirato, procurou na conquista da Gallia a gloria, a auctoridade, a riqueza e o renome litterario, que lhe haviam de ser instrumentos. Só a virtude, idéa antipathica ao seu espirito, e inconciliavel com os seus projectos, escapou á sua ardente e universal ambição.

Não é meu proposito esboçar aqui um novo quadro da

vida de Cesar ; mas esta figura curiosa tem o dom de prender. Os factos da sua vida, desde que a republica lhe entregou o exercito das Gallias, são conhecidos de todos ; todos sabem que, aos trabalhos gloriosos que dilatavam o orbe romano, conquistando para a republica novos subditos, cujas armas tinham de ser em breve voltadas contra ella, se associavam outros menos brilhantes mas por igual conducentes ao fim almejado, trabalhos que tinham lugar na Gallia Cisalpina durante o descanso militar do inverno, e em Roma, por meio dos agentes do proconsul. E de tal fórma se relacionavam estas duas series que eram os amigos de Roma quem obtinha a prorogação do commando na provincia da Gallia, e o oiro roubado aos Gaulezes que recompensava este importantissimo serviço. Com meios taes vai-se longe, sobretudo quando se tem por adversario um homem como Pompeu. A situação de Cesar ia-se tornando cada vez mais forte, e a tal ponto deixou o partido do senado chegar as coisas que, transposto esse rio famoso, cujo nome soa impropriamente como symbolo das resoluções desesperadas, num abrir e fechar de olhos, toda a Italia se achou evacuada pelas tropas fieis, e inteiramente rendida ao novo Sylla.

Por maior que fosse o genio de Cesar, este resultado maravilha a todos, e d'aqui querem alguns inferir que os Romanos eram indignos da liberdade, pois que a não sabiam defender. Não consideram os propugnadores d'estas idéas que diminuem singularmente a estatura do seu heroe predilecto. Os Romanos não poderam defender a liberdade ; outrotanto tem succedido a muitos povos ; todos temos telhados de vidro, e não convem atirar pedras aos dos an-

tigos; não poderam salvar-a, mas souberam morrer por ella.

Bem sei que a republica estava em decadencia, que a tentativa de Cesar teria sido baldada dois seculos ou ainda um seculo antes; mas tambem sei que outro homem que a tal se abalançasse, no oitavo seculo de Roma, e que não fosse «a creatura mais intelligente, mais corrupta, e mais irreligiosa, que tem existido ¹», teria succumbido miseravelmente. Não, esses homens que compozeram as legiões de Pharsalia, de Thapso, de Munda, que não cederam nem transigiram, preferindo a lucta desesperada ao indulto que a todos era offerecido, esses infatigaveis combatentes que se reuniam depois das derrotas, para procurar novos e mais irreparaveis desastres, homens sem fé mas não sem virtude, que se contam aos centos de milhares, e que eram a flor da sociedade romana, ao passo que os soldados de Cesar constituiam uma horda cosmopolita, de que elle era o pai, o rei e o deus, que só a elle obedecia, e a quem elle destinava a conquista do mundo, esses homens não eram indignos de viver livres.

Imagine-se uma hypothese que ninguem taxará de absurda. Cesar é um bom cidadão, o defensor das leis da sua patria; Pompeu é o ambicioso. Qual dos dois prevalecerá? Então já os Romanos são capazes de defender a sua liberdade, já o sophista lhes não póde lançar em rosto o seu infortunio.

Sejamos justos para com todos. Ha epochas felizes na vida dos povos, em que todos os attentados á liberdade são

¹ Ampère (*L'histoire romaine à Rome*).

frustrados e punidos. Os Cesares de então resignam-se a servir a patria, e servem-n'a admiravelmente. Em outros tempos porém, a liberdade é como uma arvore antiga e de raizes frageis, abalada pelas rajadas dos seculos tumultuarios, e meio abandonada da seiva. Cumpre então velar por ella com mais terna e carinhosa sollicitude, amparando-a, nutrindo-a, defendendo-a. Porque é mais facil derribal-a, segue-se que os seus fructos sejam menos saborosos? Será porventura licito áquelles que teem vivido á sua sombra, que se teem alimentado dos seus fructos, metter-lhe agora o machado ao tronco, com o pretexto da sua antiguidade, para lhe substituir, eu sei! cardos e espinhos? O homem que tal faça não será um impio? Quem crava um punhal no seio de sua mãi veneravel não é um parricida?

É, sem duvida. Mas dizia eu ainda agora, sejamos justos para com todos. Haverá alguma coisa que allegar em favor de Cesar? Ha, no meu modo de ver. É pouco, mas esse pouco deve ser dito. Sejamos imparciaes para podermos ser severos. E mais, a historia imperial offerece á observação entes tão repugnantes, onde só o mal se manifesta, que é agradável o demorarmo-nos algum tempo com o grande homem que foi bem cruelmente punido nos indignos herdeiros do seu poderio, nesses principes, a cujos nomes horrendos, Augusto, Tiberio, Caligula, Nero, ficou eternamente ligado o nome glorioso de Cesar.

II

O que conservou durante cinco seculos gloriosos a republica romana foi o privilegio.

Formada de povos diversos pela origem, pela indole, pelas tradições e pelos costumes, desiguaes nos direitos segundo a ordem da sua aggregação, a sociedade romana tinha sempre vivido em lucta aberta. Mas com essas luctas, meio legaes e raro sangrentas, folga e vigora a liberdade. Os que combatem para conseguir a cidade, não para excluir d'ella os outros, sabem medir os golpes, e parar a tempo. Todos os seus actos são calculados em conformidade com a ambição que os incita, e as virtudes que esse generoso desejo promove tornam-n'os dignos de o ver satisfeito.

A virtude civica é a mola real dos povos. Inquietos na cidade, luctando sempre, e sempre vencedores, tanto os que alcançavam como os que cediam, os Romanos desenvolveram nas suas relações com os outros povos, visinhos e remotos, essa maravilhosa actividade, essa inquebrantavel constancia, que nos apparecem como um exemplo singular na historia do mundo. Extinctas porém em Roma as diversas cidades que naturalmente deviam formar uma só, a desigualdade continuou a existir em relação a outros associados, que se achavam em posição menos vantajosa.

Sobrevieram então varias complicações. Ao passo que a acção de Roma nas regiões da bacia do Mediterraneo se exercia de um modo decisivo, a reacção da parte de alguns

dos povos vencidos, cuja civilização era mais antiga que a dos Romanos, e a muitos respeitos superior, contrabalançava, em subido ponto, as vantagens que resultavam da extensão do dominio. Além d'isso, Roma ia vivendo, e a vida das sociedades, ora progresso, ora retrocesso, sempre progresso em algum sentido, não é a immobildade, é a mudança. As condições variaram. A grande aristocracia legendaria desapareceu, os pequenos proprietarios, que tinham conquistado o mundo, sumiram-se nos combates externos e internos, vencendo os Carthaginezes, os Macedonios e os Hespanhoes, vencidos pelos usurarios e pelos publicanos. Tomaram-lhes o lugar os libertos. A illustre plebe de Roma transformou-se numa multidão miseravel, ociosa e descarada, que vivia da assistencia publica, e tinha por occupaões principaes vender o voto, assistir aos espectaculos, e mendigar no atrio dos ricos.

As crenças, as opiniões, os sentimentos, o que é fundamental no homem e no cidadão, não tinham sahido intactos da grande confusão que precedera o triumpho, e menos ainda da corruptora prosperidade que se lhe seguiu. Ao vicio da crueldade, que era o vicio romano por excellencia, aggregaram-se a soberba e a insolencia, que são proprias dos dominadores, a cobiça e a prodigalidade, que se engendram e auxiliam mutuamente.

Portanto os projectos dos Gracchos não podiam ser tão simples como os dos reformadores que os tinham precedido. A questão social complicava-se com uma questão economica, que elles tentaram resolver com mais zelo que prudencia, com boas intenções e por meios reprehensiveis.

A reforma era complexa, os reformadores eram ousa-

dos, e os homens de que se serviam, e a quem serviam, viciosos. A hydra sentiu renascer a cabeça; a revolução, inerte desde a expulsão dos reis, apoderou-se da cidade.

Desde o tribunado de Tiberio Graccho até á dictadura de Cesar, nunca a republica gozou dias tranquillos. Todos procederam mal, patricios e plebeus, consules e tribunos, oradores e soldados, cidadãos e Italianos. Nenhuma classe, nenhum partido, pôde declinar a responsabilidade tremenda do que se fez e do que se preparou. Os erros e as violencias de uns provocavam as resoluções extremas e absurdas dos outros, e ninguem pôde hoje dizer, com boa fé, quaes foram os principaes e os mais perniciosos elementos, sob cuja violencia sossobrou a nau do estado, e com ella a liberdade.

Tambem não é facil decidir se os homens d'aquelles tempos poderiam ter evitado o naufragio. A cegueira com que todos ou quasi todos procederam leva-me a crer que não. Mas os raros cidadãos previdentes, que obravam com conhecimento de causa, e entre estes os amigos sinceros da liberdade, teem justificado direito, alguns á nossa estima, todos á nossa attenção.

É por isso que a vida de Sylla se propõe, não á admiração, mas á consideração de todos. Character dos mais enigmaticos da historia, personalidade altiva e poderosa, natureza cheia de contradicções, homem susceptivel de viver feliz no mais ignobil descanso, e capaz de dobrar á sua vontade de ferro os seus concidadãos e os inimigos da sua patria, Sylla estrema-se ainda dos seus contemporaneos pela coherencia do seu plano, e pela resolução com que o executou.

A sua reforma durou pouco; estava desde a nascença destinada a viver dias curtos e amargurados: mas valia incomparavelmente mais do que os vãos projectos dos seus adversarios. Sylla, não mais prodigo de sangue do que estes, mas despiadado como a logica pura, apparece-nos sob côres mais negras, porque o vemos mais sereno. Todavia é certo que a sua systematica severidade poupou milhares de vidas, restabelecendo a ordem. Naquellas convulsões sociaes, a clemencia, que em quasi todos os ambiciosos differe pouco da fraqueza, é as mais das vezes funesta.

Longe de mim o pretender rehabilitar a memoria de Sylla! Mas ha tanta injustiça em lhe exprobrar absolutamente e abstractamente o seu rigor quanta condescendencia em aceitar como uma virtude a moderação de Cesar depois de Pharsalia. Esses dois homens não differiam tanto como muitos suppõem. Cesar não era cruel de sua natureza, nem Sylla tão pouco; mas nenhum teve nunca a vida dos seus semelhantes na menor conta. O Cesar de Pharsalia era o homem que tinha espoliado e exterminado impiedosamente os Hespanhoes e os Gaulezes, o mesmo que havia de entregar á segure do algoz, apoz cinco annos de captiveiro, o vercingetorix gaulez, e á espada dos seus legionarios os vencidos de Munda.

Iguaes pelo valor, pela vontade, e talvez pelo genio militar, indubitavelmente irmãos no profundo desprezo que lhes inspiravam os homens, e na alta estima que por si mesmos professavam, separaram-se porém no motivo que governava as suas acções, e na natureza da obra queprehenderam.

Cesar era uma natureza mais distincta, mais elegante,

mais completa; mas era também mais immoral. Nada tão repugnante aos meus olhos como a precocidade e a constância da sua ambição. Sylla foi levado a intervir nos negócios publicos pela sua rivalidade com Mario; nenhum acto anterior ao seu consulado revelava nelle o homem que tinha de dar o funesto exemplo da oppressão militar da sua patria, e a sua reforma, executada por meios terriveis, era sem duvida considerada por elle como uma obra patriotica. Se o seu fim consistia em dominar e nada mais, porque restabeleceu a ordem? porque restituiu ao senado a sua antiga auctoridade? porque abdicou a dictadura?

Agora, pelo outro lado, que queria Cesar? Ostensivamente, queria ser o senhor. Por todos os meios, a troco de todos os sacrificios, descendo ás acções mais condemnaveis, praticando os feitos mais gloriosos, sem tregua, sem hesitação, alcançou o que desde o principio desejava. Queria mais alguma coisa? Não se sabe; nada se pôde presumir com probabilidade. Que elle não ambicionava o poder supremo para reformar o calendario, para reedificar Carthago e Corintho, para emprehender obras publicas monumentaes, é evidente. Os projectos que os antigos lhe attribuem são, em geral, destituídos de verosimilhança. Ás intenções que os modernos lhe suppõem falta um fundamento solido. Por minha parte, considerando os ultimos tempos da sua vida, o desprezo com que elle tractava os primeiros de Roma, aquelles que haviam de ser os elementos de todo o governo regular que projectasse, a indiferença com que recebia os avisos de quem pela sua vida se interessava, o nenhum cuidado que parecia merecer-lhe a coisa publica, pois que tornava tudo dependente de uma existencia a cada in-

stante ameaçada, e de nenhum modo protegida, considerando isto e muitos factos cuja verdade todos os historiadores nos attestam, sou levado a julgar que Cesar não queria senão governar. *Après moi le déluge.*

Governar sem limites, reaes ou apparentes. Não era elle homem que se abaixasse a comedias como as de Augusto ; o Oriente tinha-lhe feito provar as doçuras do poder absoluto. Isto não é uma asserção gratuita. Bem que nos pareça absurdo, Cesar quiz ser rei, e foi para evitar que o povo fascinado e o senado corrupto lhe consentissem na frente o diadema que os punhaes dos conjurados o estenderam sem vida aos pés da estatua de Pompeu.

Portanto, quando Cesar foi immolado aos receios tardios de alguns homens para quem a sua vida devia ser sagrada, deixou o terrestre involucro uma alma extraordinaria, terminou uma existencia a nenhuma outra comparavel ; mas, ao relembrar esse tragico fim, a nossa piedade não significa sympathia. Que qualidades havia no homem para que lhe votemos uma estima respeitosa ? Em que foram as suas acções uteis á sua patria, á humanidade ? Se em Roma a a liberdade devia desaparecer para dar logar á unificação do mundo antigo, e se esta evolução foi um progresso, Cesar concorreu para elle assim como todos os revolucionarios que o precederam, os Marios e os Sulpicios, os Clodios e os Catilinas, assim como os politicos e os guerreiros que não souberam contrariar-o, os Pompeus e os Crassos, os Scipiões e os Labienos, assim como esses miseraveis triumphos que lhe succederam, Antonio, Lepido, Octavio, e mais que todos este ultimo, desde que a lisonja lhe trocou o nome deshonorado pelo nome prestigioso de Augusto.

Foi benefica a politica de Cesar? Então tambem o foi a d'esses homens cujo nome deixo escripto, e cuja memoria (a de quasi todos) ficou execrada. Comtudo a intervenção de Cesar foi a decisiva. Talvez. Antes d'elle a causa da liberdade não estava irremissivelmente perdida. Mas que significa isso? Cesar projectava estabelecer a unidade? Nada o indica. Pelo contrario, a sua indifferença, o seu desdemon são manifestos. Quando elle succumbiu, nem ao menos a transmissão regular do poder, que é um dos poucos lados brilhantes do absolutismo, se podia effectuar. Evidentemente a justificação de Cesar, a attenuação dos seus crimes, não está aqui; devemos ir procural-a a outra parte.

Desde que as revoluções tinham começado a assolar a sociedade romana, a liberdade, sempre perseguida, podera conservar-se pela força da instituição antiga, e pela dedicação dos bons cidadãos. Convem que nos desenganemos. A liberdade é o direito de todos, mas é a paixão de poucos, dos melhores. A esses incumbe velar por ella, defendel-a, e estender os seus beneficios aos homens que só conhecem o perigo quando já é tarde para a salvar.

Em Roma houve sempre bons e dedicados cidadãos; mas a actividade dos maus, e a desgraça dos tempos, frustrou muitas vezes as generosas diligencias dos primeiros.

Antes de Cesar, Roma tinha curvado ao jugo o collo alativo, temporariamente, é verdade, e nunca de um modo definitivo; mas emfim a tyrannia não era já sem precedentes. Mario, Cinna, Carbo, Sylla, tinham tractado a republica como os magistrados romanos costumavam tractar as provincias. A ultima dominação fôra a mais terrivel, e

tinha sido tão absoluta que a idéa de liberdade ficou desde então como que humilhada e diminuída.

Os amigos, os discipulos, os generaes do dictador, criados na eschola tremenda da guerra civil, sem o genio do chefe, mas tão pouco escrupulosos como elle, aspiravam ao poder supremo. Parecia isso tão natural como eram, nos seculos anteriores, as virtudes civicas, a dedicação ao serviço da patria, o respeito das suas liberdades. Cesar, que nascera com um espirito altissimo, que valia mais do que os seus contemporaneos, e que tinha esta pouco modesta opinião de si mesmo arreigada profundamente, além do instincto proprio que o incitava a procurar elevar-se, era aguilhoado pelos actos dos homens que representavam em Roma os primeiros papeis; e, por outra parte, circumstancias particulares da sua vida faziam-lhe desejar uma grande revolução.

Era elle, como se sabe, como por um discurso seu fomos informados, descendente da deusa Venus. Vê-se quantos deveres e de que especie lhe impunha a sua gloriosa estirpe. Por outro costado, é elle ainda que nol-o diz, corria-lhe nas veias sangue de reis. Cumpria que a vida de quem vinha de tão alto fosse a todos os respeitos larga e nobre. D'aqui despesas enormes, em feras, em gladiadores, em festins, em presentes, em candidaturas, e Cesar não era rico. Mas o credito facilitava-lhe o emprego de muitos milhões de sestercios, e, quando o credito se esgotou, lá estava Crasso para servir de caução, e a Hespanha com os seus thesoiros para solver a divida. Quanto ás despesas ainda mais consideraveis, que exigiam os preparativos e os actos da guerra

civil, essas ficaram á conta da Gallia e do erario romano.

A ambição de Cesar parece-me, pois, relativamente legitima. Numa sociedade profundamente corrompida, quiz ser o primeiro, e para o conseguir era necessario destruir a liberdade. Nunca lhe teria consentido a ambição dos seus indignos rivaes que representasse em Roma um papel predominante, se elle tivesse seguido pela estrada direita. Quer isto dizer que os outros teriam humilhado o seu genio? Não, mil vezes não! Mas a lucta no campo da legalidade promettia a Cesar um logar eminente, nunca o primado que a sua natureza desejava.

A pequenez dos seus antagonistas é porém, a meu parecer, a sua mais séria justificação. Catão, Cicero, Pompeu, são grandes por muitos lados, e os dois primeiros tanto mais quanto nunca pretenderam attentar á liberdade da sua patria; mas a ambição de Pompeu é ridicula. Mero instrumento nas mãos de Cesar, esperando que a sua gloria militar lhe ha de deferir todos os lucros do triumvirato, e prestando ao seu futuro adversario os serviços mais importantes que este podia desejar, conserva-se numa inacção presumçosa até aos primeiros relampagos da prodigiosa tempestade contra a qual serão impotentes os seus tardios esforços, e sob cuja violencia tem de succumbir. E se o grande Pompeu é ridiculo, logo que deserta dos caminhos triumphaes da sua legitima gloria, o que diremos de Crasso, de Metello Scipião, e d'esses mancebos que já se apresentavam como os futuros dominadores, os Antonios, os Lepidos, os Dolabellas, os Cornificios? Se algum ha de ser

o senhor, mais vale Cesar que os outros... Ai de nós! A dominação de Cesar não exclue a de Antonio e de Octavio. Prepara-a, torna-a possível, necessaria, inevitavel. Eis o castigo de Cesar, eis a sua condemnação.

Ainda por outro lado lhe não posso perdoar. Que as naturezas inferiores desejem o poder supremo, para deslumbrar os contemporaneos, e enganar a posteridade, comprehende-se. Mas o que eleva esses, diminue as almas extraordinarias, as creaturas originaes e verdadeiramente grandes. A ambição de sermos uteis aos nossos compatriotas, aos nossos irmãos, é uma das mais nobres; mas a pureza da intenção é inconciliavel com a torpeza dos meios. E as ambições altas, ainda as terrestres, não ficam por aqui. O aperfeiçoamento moral, a comprehensão da natureza physica e social, a realisação do bello pela arte, são alvos muito mais sublimes do que essas supremacias, cuja conquista exige uma immensa hecatombe de vidas, de riquezas, de virtudes, e que, completamente exercidas, são ainda mais oppressivas para o senhor do que para o escravo, mais penosas para o poderoso que a sua posição condemna á desconfiança, aos cuidados raladores, á solidão do espirito e do coração, do que para o humilde que tem como eterno refugio a sua consciencia e Deus.

III

O crime dos idos de Março expulsa da scena a terceira ¹ das quatro grandes figuras que dominam o drama da destruição da liberdade romana. A sombra de Cesar fôra reunir-se ás d'aquelles que tinham cahido nas praias do Egypto e da Africa, victimas da sua ambição; mas Cicero vivia. A causa do direito não era ainda desesperada.

Assim pareceu um instante, não só aos bons cidadãos que desejavam sinceramente a restauração da antiga auctoridade, mas aos homens que folgavam e lucravam principalmente com innovações, com perturbações e com destruições. Os primeiros alegraram-se; Antonio e Lepido tremeram: sobreveio então um mancebo que não se alegrava nem tremia diante das contingencias do futuro, e que, servindo-se de uns e de outros, enganando-os a todos, e triumphando d'elles e da republica, estabeleceu definitivamente o poder absoluto.

Por que meios? Aponta-os a historia. São os que Cesar empregara, a astucia e a violencia. Sem nenhuma das grandes qualidades de dictador, sem alteza de genio, sem seducção pessoal, sem o prestigio da gloria militar, Octavio conseguiu levar a cabo uma empreza seguramente mais difficil e talvez maior.

Cesar tinha aplanado o caminho, mas a jornada era ainda

¹ Terceira na ordem por que desapareceram.

longa e trabalhosa. O termo era seductor; distante, invisível, inacessível no parecer de muitos, exercia comtudo uma attracção irresistivel sobre naturezas que, em tempos normaes, não teriam sahido da sua ingenita apathia. Octavio, fascinado por essa prestigiosa visão, luctou tenazmente com os elementos contrarios, com a rebeldia dos seus proprios instrumentos, com as repugnancias dos seus instinctos, e com as fraquezas do seu coração; luctou e venceu.

A perseverança é a notavel qualidade que revela no triumpho o sangue de Cesar. Esses dois homens differiam muito, e tanto que os defeitos, a que o filho adoptivo deveu em grande parte a victoria, são exactamente o opposto das qualidades que provocaram o assassinato de seu pai.

A ambição da realza foi o escolho da carreira de Cesar. Sobre as suas intenções, sobre as suas tentativas, nesse sentido, são accordes todos os historiadores. Este facto mostra-nos, evidentemente, ao que me parece, que Cesar não era o homem da humanidade, como alguns lhe chamam; era, em que pèze á sua illustre linhagem, um *parvenu* do poder, que limitava a sua mediocre ambição a cingir o diadema, a empunhar o sceptro, a ambição de Cromwell e de Napoleão.

Não quero fazer a Cesar a injustiça de o equiparar aos dois homens cujo nome acabo de escrever; a sua superioridade era immensa. Cesar valia mais que o primeiro e pelo menos tanto como o segundo á frente de um exercito; á testa de um estado, valia mais do que qualquer dos dois. Mas, independentemente do seu papel de guerreiro e de soberano, era, como homem, o que os outros nunca foram, era, na phrase de Royer-Collard, *un homme comme il faut*,

e isto revela muitas coisas a quem pretende avaliar as individualidades humanas.

A ambição de Cesar era logica, e propria de um espirito como o seu. Que mais custarão as insignias do que as realidades do poder? Mas não era prudente. O nome de rei tinha ficado, durante muitos seculos, coberto de tamanho opprobrio que essa pretensão produziu o que não tinham produzido todos os crimes do dictador. Os ultimos Romanos levantaram-se, e a grande victima cahiu-lhes aos pés, trespassada por vinte e tres punhaladas.

Este facto deve ser apreciado por nós sem que desconsideemos os principios que presidiam ás acções dos homens d'aquelles tempos. No parecer de todos os povos civilizados, o homicidio é um crime; mas o tyrannicidio tem sido indultado pela opinião de muitos, e pela de alguns exaltado como um acto meritorio. Harmodio e Aristogiton, attentando contra a vida dos filhos de Pisistrato, Timoleon, sacrificando seu irmão á liberdade da patria, Servilio Ahala, matando com suas proprias mãos o faccioso Spurio Melio, tinham deixado de si memoria gloriosa, e por todos honrada; e, se a violenta repressão das sedições dos Gracchos não encontrara uma tão unanime approvação, devemos attribuir este resultado, não a uma correcta modificação no juizo publico, mas ás discordias que separavam então os Romanos.

Aos olhos dos antigos, matar um tyranno não era um crime. Não havia, numa acção d'esta ordem, coisa alguma que repugnasse a uma alma bem formada. Pelo contrario, os melhores eram exactamente aquelles sobre cujo espirito este deploravel sophisma exercia uma mais decisiva pressão.

Não admira pois que o chefe da conjuração fosse o cidadão mais virtuoso de Roma, aquelle que devia, na hora extrema, blasphemar da virtude, pelo muito que lhe sacrificara inutilmente. Bruto tinha sacrificado ao que julgara o seu dever mais do que a sua fortuna, mais do que a sua vida, mais do que a vida e a fortuna dos seus; sacrificara-lhe os sentimentos mais sagrados e respeitaveis, a gratidão, a amizade, a honra.

Bruto não era filho de Cesar. Quando elle nasceu, Cesar, ainda adolescente, não tinha com Servilia, mãe de Bruto, e irmã de Catão, as relações que enganaram, neste ponto, alguns historiadores antigos, e quasi todos os modernos. Prova-o uma anecdota curiosa, que Plutarcho nos refere. Quando os cúmplices de Catilina foram julgados pelo senado, na memoravel sessão de que nos restam tres magnificos discursos, Cesar recebeu na curia um bilhete de Servilia, que denunciava de uma maneira pouco modesta, ao que parece, os criminosos sentimentos dos dois amantes. Catão, sempre vigilante, exige immediata leitura da missiva mysteriosa, e só desiste ao reconhecer o sello de sua irmã. Os termos singulares com que elle acompanhou a restituição do bilhete não vêm para aqui, mas este facto, succedido numa epocha em que Bruto tinha para mais de vinte annos, destroe inteiramente a hypothese do parentesco: Cesar nunca foi nomeado pela sua constancia, em materia de galanteio. Absolvamos pois do crime de parricidio o desditoso conjurado, já que de outros o não podemos absolver. Cesar não era seu pai, mas tinha sido o seu salvador, o seu bemfeitor, o seu amigo, e tal estima professava pelo seu character que a miudo lhe ouviam designar

Bruto como o unico homem capaz de lhe succeder. Para o honrar, para o favorecer, tinha commettido injustiças manifestas, por elle proprio reconhecidas. A sua amizade ia tão longe que nem o temor, mais de uma vez confessado, dos homens magros e pallidos, Cassio e Bruto, tinha influido no seu procedimento para com este ; e, no momento supremo, foi a apparição de Bruto que o fez succumbir. Quaesquer que fossem os projectos de Cesar, havia um homem que tinha o impreterivel dever, não só de o respeitar, mas de o defender contra todos, e esse homem era Bruto. Os beneficios aceitos obrigam.

Bruto não era todavia uma alma vulgar. Menos forte do que Catão, abrasava-o um não menos ardente amor do bem. Causa dó a situação d'esses entes tristemente privilegiados, que vivem em epochas contradictorias com as suas virtudes, e que são impellidos para o mal pela propria energia com que procuram o bem. Catão subtrahira-se a esta deploravel necessidade pelo acto violento que poz termo á sua vida, acto que não louvo, mas que aceito como um protesto solemne, como uma lição admiravel, como um exemplo sublime ; porém aquelles que, tão bem intencionados, e menos coherentes do que elle, se resignaram a dobrar a cabeça á tyrannia, ficaram numa posição intoleravel, cuja ambiguidade ainda hoje é contraria á sua memoria.

Neste caso se acharam Cicero e Bruto. O primeiro tem sido victima das calumnias da posteridade, que lhe faz amargar os louvores prestados ao seu prodigioso talento com a mais iniqua apreciação da sua vida publica ; Bruto tem sido mais feliz, e todavia encontra-se na sua carreira muito e muito mais que notar.

Cicero tinha aceitado o indulto insolente do vencedor, e a condescendencia do seu character abatera-o mais de uma vez até á lisonja. Mas não tinha alienado a sua liberdade, como provou, escrevendo o panegyrico de Catão, não pretendera nem aceitara mercês, e, apesar d'isso, não entrou na conjuração.

Bruto procedera de uma maneira muito diversa. A sua adhesão ao governo de Cesar parecia, e devia parecer, absoluta. Esperava elle porventura que o dictador retrocedesse no caminho por onde o via seguir? Não pôde ser. Bruto era um homem esclarecido, e Cesar não illudia ninguém. O que se pôde allegar em sua defesa é que o seu character, honradissimo mas pouco firme, o sujeitava facilmente a influencias estranhas, e que com ellas variavam os seus juizos e as suas determinações. A justificação é fraca, mas não ha outra. As suas intenções foram sempre puras; ninguém sacrificou nunca ao dever mais do que elle sacrificou: porém o acto capital da sua vida é reprehensivel.

É este todavia o unico dos conjurados que tem algum titulo á nossa sympathia. Cassio era desde a infancia conhecido pelo seu odio aos tyrannos, e tinha ganho um grande nome militar no Oriente, por occasião do desbarato de Crasso. Mas este mesmo homem, este guerreiro, este patriota, røndera, á primeira voz de Cesar, depois da batalha de Pharsalia, uma grande frota que commandava, e, tendo voltado a Roma, aceitara os beneficios do inimigo publico. E era o ultimo Romano! Os outros, Cimber, Trebonio, Ligario, merecem ainda menos a nossa estima; e mais que todos nos apparece sob côres repugnantes o *Judas Decimo*

Bruto, a quem Cesar tinha commettido a tutela testamentaria de seu filho.

Os instrumentos eram indignos, o acto foi execrando, e, além d'isso, impolitico. Cicero approvou-o depois de consummado, mas nada indica que teria approvado o projecto, se d'elle lhe tivessem dado conhecimento. Cesar ia perdendo todos os dias a popularidade que o seu tragico fim resuscitou, e que foi um dos mais poderosos auxiliares de Octavio. Mas, quando o mal não tinha remedio, todos os bons cidadãos deviam adherir ao acto da libertação, unico meio que lhes restava de salvar a patria.

Cicero foi mais longe, se aconselhou, como alguns affirmam, o assassinato de Antonio. Era o corollario fatal do primeiro crime. Os conjurados negaram-se a tiral-o, e as consequencias d'esta moderação foram o que todos sabem.

Os senadores perderam pela sua irresolução os primeiros momentos, os mais preciosos; Antonio, que era o herdeiro natural do poder militar de Cesar, e que de mais exercia a suprema magistratura, levantou o povo, chamou a si os veteranos, e usou da sua auctoridade no sentido da reacção. Opposeram-se-lhe porém dois inimigos temiveis. Um, que esta lucta immortalisou na sua velhice, assim como o illustrara na idade viril a que tinha sustentado contra Catilina, estava destinado a ser victima das ultimas proscricções. Era Cicero. O outro era um moço quasi desconhecido, valetudinario, taciturno, aparentemente timido e irresoluto, mas tinha por si uma grande força. Era o filho adoptivo e o herdeiro do dictador.

Este aprendiz de politica enganou o mestre. Cicero julgou que um Cesar podia ser o instrumento da libertação de

Roma, e, com a poderosa influencia de que dispunha, elevou-o, expulsando Antonio da cidade. Entretanto os conjurados partiam para os seus governos.

Octavio aproveitou-se da posição em que se achava para subjugar a um tempo Marco Antonio, que lhe fôra adverso, e o partido do senado, que o protegera. Antonio é derrotado em Modena; por um acaso, se acaso foi, extremamente favoravel aos projectos octavianos, os dois consules são mortalmente feridos na acção; e o joven general entra em Roma quasi como senhor.

Comtudo não se julgava ainda bastante forte. O nome de Cesar podia muito com os veteranos, mas Antonio era um verdadeiro soldado, e como tal encontrava sempre quem o seguisse. Com elle e com outro ambicioso de ordem infima, o mestre da cavallaria Lepido, formou o futuro Augusto essa funesta colligação, d'onde resultou o segundo triumvirato e as proscricções.

Cada qual sacrificou aos rancores dos outros os seus parentes e os seus amigos. Cicero, abandonado por Octavio, é assassinado; a sua cabeça e as suas mãos são expostas na tribuna nova, ao lado da cabeça de Verres. Os conjurados levantam um grande exercito no Oriente, mas a fortuna dos triumviros, e a fatalidade que parece perseguir a causa da liberdade, triumpham da pericia de Cassio e do valor de Bruto. Os ultimos Romanos morrem, como Cato, pelo suicidio; Antonio e Octavio, contentando o «comparsa do triumvirato» com a Africa, repartem o mundo entre si.

A guerra maritima movida por Sexto, filho do grande Pompeu, conserva unidos os triumviros durante algum

tempo. Mas o dia inevitavel do rompimento chega enfim. Octavio, já livre de Lepido e de Pompeu, ataca o seu antigo alliado, a quem os annos, Alexandria e Cleopatra, tinham feito perder a actividade que fôra sempre a sua grande qualidade militar. A lucta decide-se a favor do Occidente, e Marco Antonio vai acabar voluntariamente em Alexandria, nos braços de Cleopatra, uma vida manchada de crimes, mas onde se encontram alguns actos de heroismo, de generosidade, e de nobreza de sentimentos, que o levantam cem braças acima do seu mesquinho vencedor.

Fica só o hypocrita feliz, a quem os acontecimentos e a sua rara persistencia no crime tinham sujeitado o orbe romano. As reliquias de Pharsalia, de Thapso, de Munda, tinham cumprido os seus destinos nos campos de Philippes, nas praias da Sicilia, e nas ondas do Mediterraneo. O exercito desaparecera. Restava um ou outro soldado, fiel mas impotente. Ora o que faz livres os povos não são as instituições, são os homens. Cesar tinha começado a destruil-os; Octavio aniquilara-os. Os tempos eram vindos. O cruento triumviro podia receber o nome de Augusto. O imperio estava fundado.

II

AUGUSTO

I

O caracter publico do imperador Augusto é como o Jano bifronte dos Latinos. Até á batalha de Accio e á sujeição do Egypto, vemos um homem extraordinariamente cruel, sedento do sangue dos seus adversarios, deliciando-se com supplicios atrozes, esmagando as suas victimas, não só com a morte, mas com a deshonna, amigo falso, alliado perfido, o mais constante inimigo das liberdades da sua patria e da honra dos seus compatriotas, mais perverso do que Mario, mais implacavel do que Sylla, mais furioso do que Antonio. É tão odiosa a todas as almas bem formadas a figura do triumviro Octavio que a posteridade, mal tem apanhado de relance o quadro horrendo das próscrições e das guerras civis, apressa-se a desviar d'ahi os olhos indignados, para contemplar deslumbrada a figura radiosa que inaugura as grandezas de Roma imperial, e, deixando o vingador de Cesar em Alexandria, reata o fio da historia romana com o omnipotente *imperator*, que vem presidir, como consul, como proconsul, como principe do senado, como regedor

dos costumes, como pontífice maximo, como tribuno perpetuo, aos novos e maravilhosos destinos do mundo romano.

Mudou-se a scena. Da grosseira chrysalida desprende-se uma borboleta brilhante. Ao homem das proscricções succede o clemente Augusto, o restaurador da ordem, o grande e benefico administrador, o severo censor dos costumes, o amigo de Mecenas e de Horacio, o protector de Virgilio, das lettras e das artes romanas, o inspirador e o salvador da *Eneida*, o reedificador da cidade, o principe modesto e generoso, que se contenta com a casa de Hortensio para sua residencia, e que perdoa a Cinna.

A transformação é surprehendente, mas não deve enganar-nos. O homem que regeu o mundo pacificamente, com uma habilidade admiravel, durante quarenta e quatro annos, e que deixou o poder absoluto por tal fórma consolidado que nem Tiberio, nem Caligula, nem Claudio, nem ainda Nero poderam abalal-o, esse homem tão hypocrita, tão astuto, tão senhor de si, que não commetteu, no longo periodo do seu principado, senão um erro grave, era o mesmo que se lançara como um furioso nas vinganças, nos homicidios, nos incendios, nas rapinas, aos dezenove annos, depois da morte de Cesar. Mas a idade tinha moderado a aspereza das paixões ferozes d'aquella alma, o tracto social tinha-o familiarisado com o coração dos homens e com a natureza das coisas, a experiencia tinha-lhe mostrado os terriveis resultados da desdenhosa franqueza de Cesar; e um genio domestico, genio poderoso e formidavel, tinha vindo assentar-se no seu lar, e unir-se aos seus destinos até o ultimo dia. A imperatriz Livia, exemplo singular da reversão das mais altas qualidades por uma paixão extrema

e immoral, associara a sua profunda dissimulação e a grande força da sua alma extraordinaria ás qualidades que deviam fazer de Augusto o modelo dos despotas. Mais prudente e mais energica do que seu marido, ambiciosa do poder, mas contentando-se com a realidade, e desprezando as apparencias, não cuidando senão de assegurar o imperio ao seu filho predilecto, para dominar com elle, assim como dominava com Augusto, Livia foi o mais habil conselheiro d'este ultimo, o seu moderador, o inspirador de muitas das suas acções, e não errará muito quem attribuir a maior parte á sua influencia na estranha metamorphose que temos considerado.

Augusto fôra com effeito até á morte de Antonio um homem que só tornava notavel a sua resolução e a sua precoce constancia. Depois dos semi-deuses da grande tragedia, cujo epilogo elle ia representar, depois de Pompeu, de Catão, de Cesar, de Cicero, dos homens de genio, dos capitães inspirados, dos oradores sobrehumanos, apparecia na scena um moço que não sabia convencer o senado, nem arrebatrar o povo, nem commandar as legiões, nem ao menos pelejar valerosamente como um soldado, uma figura mediocre e sem importancia, cuidaram todos. Foi porém a essa ausencia de qualidades distinctas que elle deveu a protecção de Cicero e do senado, sem a qual teria succumbido diante de Antonio. Os velhos politicos de Roma empregaram esse mancebo inexperto como uma arma contra o mais temido dos generaes do dictador, porque nada receavam d'elle. Se lhe tivessem descoberto um espirito vasto, uma alma magnanima, faculdades poderosas, é de crer que o tivessem deixado esmagar pelo seu inimigo. Mas quem

havia de adivinhar no timido adolescente o inexoravel proscriptor?

Os *optimates* enganaram-se, como todos sabem. Augusto não era orador, nem general, nem soldado, mas era um homem, vinha animado de uma paixão terrivel, a vingança, e o desejo da dominação abrasava-o. Não sabia bater-se nos campos nem no Forum, mas havia uma coisa que sabia melhor que ninguem, era tractar com os veteranos de Cesar, seduzil-os com promessas de recompensas, de licença, de dominio, e sobretudo lisongear-os com a mais abjecta submissão aos seus caprichos. Sabia tambem, e com singular perfeição, sacrificar os amigos de hoje aos inimigos de hontem, alliar-se com estes, e trahir os novos alliados na primeira occasião opportuna para cevar os velhos rancores. Sabia finalmente escolher e aproveitar os homens, e collocal-os nos logares adequados á sua capacidade; sabia pôr *the right man in the right place*.

Tendo começado pela dissimulação, nos mezes que seguiram a morte de Cesar, mostrou, no periodo sangrento das proscricções, uma ferocidade mais selvagem que a dos seus collegas, o que quer dizer muito. A responsabilidade d'essa epocha pertence-lhe exclusivamente. Mas, depois que Bruto e Cassio foram vencidos, e que o universo romano ficou repartido entre elle e Marco Antonio, chegada a hora do governo, governo irregular, imperfeito, inferior ao do seu principado exclusivo, mas governo todavia, encontrou em Agrippa e Mecenas dois instrumentos excellentes, a cuja acção deveu em grande parte o bom resultado dos seus esforços.

Agrippa era o braço, e, quando cumpria tomar uma resolução viril, era o coração. Companheiro de Augusto desde

a infancia, viera com elle de Athenas a Roma auxiliar-o na ousada reclamação da herança de Cesar, e não o abandonara nunca. Quando Augusto tremia, deslumbrado pelo clarão dos relampagos, aterrado pelo fragor dos mares enraivecidos ou pelos clamores dos inimigos, Agrippa estava a seu lado para fazer as suas vezes. Mas a dedicação e os serviços de Agrippa não paravam aqui. Tendo sahido triumphante da lucta com Sexto Pompeu, o grande maritimo aceita a edilidade, para tornar affecto a Augusto o povo romano, por meio da execução de obras publicas que lhe fossem uteis, e lhe agradassem; vencedor de Antonio, corre sem demora a Roma, pacifica os veteranos que nem Livia nem Mecenas sabiam domar, e recomeça a sua eterna peregrinação armada, da Hespanha á Germania, da Germania ao Oriente, dos campos de batalha ao palacio minado pelas traições, destruindo todos os inimigos de Augusto, até que uma morte prematura, resultado d'aquella vida de fadigas, põe termo aos seus serviços.

É muito, e qualquer soberano, por mais exigente que o imaginemos, contentar-sehia de bom grado com um amigo tão dedicado. Mas Agrippa fazia a Augusto sacrificios ainda mais penosos. Não contente de lhe sacrificar a saude e a vida, sacrificou-lhe uma coisa muito mais preciosa, as affeições, e por fim a honra.

Era casado com uma mulher que estimava, e que lhe trouxera uma grande fortuna. Mas Augusto deseja unil-o á sua pessoa por uma alliança de familia, e o docil soldado, tendo repudiado a sua companheira fiel, une-se com Marcella, filha de Octavia. Correm os dias, morre o herdeiro presumptivo, o genro de Augusto, Marcello; é preciso casar

a filha do imperador com um homem capaz de succeder no governo. Agrippa, que a ingratidão de seu amigo tinha deixado ultimamente num meio-exílio, é, por conselho de Mecenas, chamado a Roma, e obrigado a repudiar Marcella, recebendo com a promessa do imperio a mão de Julia, e a deshonra.

O ultimo sacrificio, e, aparentemente, o maior, é a união com Julia, e a resignação á vida escandalosa que ella vivia; mas aqui é possível que não fosse só a dedicação muito real de Agrippa aos interesses de Augusto o que determinou o seu procedimento. A mão de Julia era o penhor do imperio. Se o marido offendido tivesse mostrado a severidade que lhe cumpria mostrar, a esperança do poder fugia-lhe. Ora o valente guerreiro não era estranho aos calculos da ambição.

Esta figura de homem honrado, cuja vida não mostra outras manchas senão as que sobre ella lançam as torpezas consentidas de Julia, está porém muito longe de nos ser *sympathica*. Quanto mais eminentes são as faculdades do vencedor de Antonio e de Pompeu, tanto mais nos indignamos de que um homem tal prestasse o seu auxilio á obra criminosa de Augusto. O que teria sido d'este sem Agrippa não é facil conjecturar; mas não vemos quem lhe teria alcançado as victorias necessarias. Agrippa foi o seu unico general. Quando a morte o arrebatou, ainda no vigor da idade, não havia guerra senão nas fronteiras; mas ainda assim a sua falta foi muito sensivel, e os ultimos annos do principado de Augusto ficaram infamados pela perda das legiões de Quinctilio Varo, primeiro signal das victorias dos homens do Norte, a quem o futuro guardava o triumpho,

a despeito da prodigiosa concentração de forças do imperio romano.

É Mecenas uma figura muito menos alta, e a sua cooperação era sem duvida menos necessaria. Todavia Augusto deveu ao gordo Etrusco serviços valiosissimos. O que Agrippa era na guerra era Mecenas na paz. O primeiro era um general, o segundo um diplomata. Um commandava as legiões, o outro conciliava os poetas. Ambos aconselhavam o principe segundo os interesses communs, e a sua morte deixou Augusto entregue á influencia exclusiva de Livia, de Livia que bastava para o guiar com passo seguro, mas que, assim como sabia guial-o, podia alguma vez transvial-o, ou abandonal-o aos impetos do seu violentissimo character, o que de feito succedeu, e numa occasião memoravel ¹.

Augusto tinha pois um raro talento para adquirir soldados, para conciliar aliados, e desfazer-se d'elles, para conhecer e empregar os homens necessarios; mas a sua aptidão para o poder ia mais longe. O mundo, cansado de tantas e tão prolongadas perturbações, pedia a ordem, a paz, a segurança; os republicanos militantes de Roma tinham perecido, mas o espirito republicano tradicional, isto é, o amor ás instituições antigas, ás fórmulas constitucionaes do governo consular, animava ainda o povo, que esquece difficilmente. Augusto comprehendeu essas aspirações e essas sympathias, e, com a sua portentosa dissimulação,

¹ Quando as infamias da vida de Julia lhe foram descobertas por Livia, Augusto, impellido por um furor cego, publicou a deshonra de sua filha. Ao voltar a si, foi o seguinte o seu primeiro brado: «Se eu não tivesse perdido Mecenas e Agrippa!»

com a paciente hypocrisia, que o tracto do mundo aperfeiçoara, mas que era nelle uma qualidade ingenita, soube satisfazer a tudo e a todos.

O systema das proscipções era excellente para aniquilar promptamente os inimigos irreconciliaveis, mas não podia deixar de ser transitorio. Por meios taes não se governa. Assim, logo que a opposição radical desapareceu, o triumpho moderou as suas iras, não que o seu character se tivesse modificado generosamente: o que elle era ainda, e sempre foi, bem o mostrou o seu procedimento nas ultimas luctas; mas o interesse fallou mais alto do que o instincto.

Vencidos porém os ultimós adversarios, os menos temiveis, porque combatiam por um homem, não por um principio, Augusto, vendo-se senhor incontestado do mundo, que se curvava diante de sua omnipotencia, e que já começava a adoral-o como um deus bemfazejo, começou a representar, em seguida á lugubre tragedia, cujo desenlace fôra mais horrendo do que as suas mais horrendas peripecias, uma comedia sinistra mas composta com tão singular habilidade, e executada com tão imperturbavel firmeza que logrou enganar, se não os contemporaneos, pelo menos a posteridade.

Augusto é o typo dos monarchas absolutos dos tempos antigos, assim como Luiz XIV de França o dos tempos modernos. Comtudo, apesar da magestade da sua attitude durante os quarenta e quatro annos do seu principado, apesar da grandeza que um logar tão eminente communica a quem o occupa por tanto tempo, o clemente imperador apresenta-se aos olhos attentos que o estudam mais como um actor que desempenha magistralmente o seu papel, do que como

um d'esses homens extraordinarios que o seu genio torna dignos e capazes de reger os destinos de um povo. Não perguntava elle, nos ultimos instantes, aos seus amigos se tinha representado bem a farça da vida? *ecquid iis videretur mimum vitae commode transegisse.*

Tinha-a representado admiravelmente. Encontrara a republica humilhada, dilacerada pelas discordias civis, defendida por poucos, ameaçada por essa horda terrivel cujos actos chamam e chamarão por esses seculos além a maldição de todos sobre a memoria de Cesar; encontrara-a numa situação perigosissima, em que todas as probabilidades eram pela causa injusta; mas encontrara-a de pé. Tinha-a encarado, não de frente, que os seus olhos obliquos não sabiam, mas com penetração, com tenacidade e com um odio implacavel. Medira as forças, arremessara-se a ella, e, quando soou a sua hora extrema, deixou-a prostrada, sem vigor, sem vida, sem vontade.

A foice da morte tinha cortado impiedosamente aquellas desditosas gerações, não consentindo, tão seguros e promptos eram os seus golpes, que os filhos aprendessem as virtudes civicas de seus pais, nem que os pais se retemperassem no generoso enthusiasmo de seus filhos. A tradição estava interrompida. Uma geração intermedia, sem character distincto, sem as virtudes da guerra e sem as virtudes da paz, aceitou de bom grado a vergonhosa transacção que Augusto lhe propunha, as fórmulas republicanas e um senhor.

Aceitou-a, e não satisfeita de consentir no primeiro logar o cidadão mais perverso de Roma, não contente de curvar a cabeça áquelle cuja vida abominavel merecia mil suppli-

cios, elevou-o até aos ceus numa unanime apotheose, que seria atroz, se não fosse ridicula.

Por honra da humanidade, não creio que essa endeusação fosse sincera. Os filhos das victimas não podiam adorar o algoz dos seus. Mas a humanidade é fraca; aos povos escravos que já não sabem brandir o ferro, resta a lisonja; Tiberio succedeu a Augusto: não admira que a Virgilio e Horacio succedessem Ovidio e Velleio Paterculo.

Para o cantor de Tityro e de Melibeu, Augusto é verdadeiramente um deus. *Namque erit ille mihi semper deus.* Desculpamos a apotheose do triumviro ao poeta que lhe devia a conservação da fortuna e da vida; mas Horacio, que sempre soube esquivar-se aos favores imperiaes, Horacio, o mais engenhoso, o mais sensato dos poetas, que recebera da prodiga natureza, com as qualidades solidas e amaveis, essa alta inspiração que faz os lyricos, e que lhe permittia o hobrear com Pindaro, o altiloquo cantor do *justum ac tenacem propositi virum*, e das glorias de Roma republicana, consagrando muitos e muitos dos seus poemas á glorificação do nome e das victorias d'esse cobarde proscriptor que os destinos contrarios tinham levantado ao poder supremo!... Assim foi, comtudo. Os poetas seduzidos cantam; os artistas perpetuam nas suas obras immortaes a effigie do divino soberano; os monumentos eternos celebram nos seus immensos caracteres de marmore a grandeza de Augusto; o desditoso Ovidio entoa no hyperboreo Ponto os mais hyperbolicos louvores ao seu algoz, e quando o seculo se fecha com a exaltação de Tiberio, um grave historiador vem auctorisar todas essas adulações com a pompa

magestosa da sua phrase servil. A posteridade, deslumbrada pelo esplendor do grande seculo, pelo magico espectaculo da grandeza do imperio, e da inexcedivel perfeição das obras que esse tempo nos legou, esquece os crimes de Octavio, e aceita a gloria de Augusto.

A unidade do orbe romano é um grande facto; o restabelecimento da ordem foi sem duvida um grande beneficio: mas Augusto deve porventura ser tido como um bemfeitor da humanidade? Quaes eram as suas intenções? Como concorreu para o progresso realisado? Definitivamente, que foi a sua obra? É o que importa considerar.

II

A historia do imperio romano forma um saliente contraste com a historia da republica. E todavia o imperio resultou da republica, não como uma monstruosidade, mas naturalmente, por meio de uma fecundação regular.

É este o caso de dizer que os pais valem mais do que os filhos. Assim succede sempre nas epochas de decadencia. *Abyssus alyssum...* O mal gera o mal fatalmente, logicamente e soberanamente ¹, até que um novo elemento de vida refaz a raça definhada. Roma, grande durante o periodo republicano, grandiosa, pela força adquirida, nos

¹ Entenda-se como está escripto. O mal produz o mal, mas d'ahi não se segue que o bem tenha de ser fatalmente vencido.

primeiros tempos do imperio, desce todos os degraus da precipite escada da decadencia, e parece proxima a perecer quando o christianismo vem pôr o remate á grandeza da sua obra da civilisação, convertendo-a, de senhora que tinha sido, em mãi desvelada e salvadora.

A meu ver, se o imperio pôde ser amnistiado pela historia, deve-o ao serviço que prestou, tornando, pela união de todos os povos civilizados do mundo greco-romano, mais facil e efficaz a propagação da religião christã. Como porém a unidade podia ter sido estabelecida e conservada por outra fórma mais justa e mais conforme aos interesses particulares do povo romano e aos interesses geraes da humanidade, a historia deve, ainda neste ponto, propôr mais do que uma objecção aos apologistas dos Cesares.

Quando digo que o imperio resultou naturalmente da republica, affirmo apenas que as guerras civis, tão prolongadas e tão crueis, que vão dos Gracchos a Augusto, a dilatação immensa do estado romano, a perversão dos costumes, a caducidade da constituição, e muitas outras causas que todos conhecem, tornavam possivel o estabelecimento do despotismo imperial. Não creio porém que este fosse o unico desfecho possivel da situação, e muito menos que fosse o melhor.

Já por vezes o tenho dito nestas considerações, possibilidade não é para mim o mesmo que legitimidade. Porque o estado de uma sociedade facilita o triumpho dos mais criminosos attentados, não admitto que actos taes possam justificar-se. Moralmente, os criminosos que vencem valem tão pouco como os que succumbem. Neste ponto Cesar é igual a Catilina. Para a sociedade, as revoluções que sa-

tisfazem algumas necessidades, e que são portanto parcialmente logicas, são mais funestas do que pôdem ser as que contradizem radicalmente a historia dos povos, porque as primeiras fundam muitas vezes uma fôrma iniqua mas duravel, ao passo que as outras são de sua natureza ephemerar, e, não raro, alcançam involuntariamente o contrario do que pretendem, robustecendo pela lucta a tradição que lhes é adversa.

A revolução cesarea vai para a primeira classe. D'ahi a sua força, d'ahi as importantes consequencias da sua victoria, d'ahi a grandeza da sua acção, d'ahi a immensidade das ruinas que accumulou. Compensando o mal e o bem, qual deve ser o *verdictum* definitivo? Variam os juizos; o meu é-lhe contrario.

Os seus apologistas argumentam sempre com uma palavra: unidade. Não pôdem invocar em seu auxilio outra mais bella, magica, a de liberdade; se tivessem direito a isso, estava eu com elles: mas pretendem destruir a decisiva objecção que em nome da liberdade, do direito eterno e universal, lhes é proposta, insinuando que a liberdade republicana tinha sido em Roma um privilegio, que os Romanos tinham provado no ultimo seculo da republica a mais irremediavel incapacidade para usar d'ella, e que, se a liberdade politica desapareceu com o estabelecimento da dictadura dos Cesares, a liberdade civil estendeu a um maior numero de homens os seus immensos beneficios, que a cidade continuou a expandir-se, e em mais larga escala, até á constituição antonina, que a fez tão vasta como o orbe romano, e que a liberdade municipal escapou até á invasão dos Barbaros. Aparecem depois os louvores á reparadora

administração imperial, á *immensa paz do mundo*, dos Antoninos, á grande e *humana* jurisprudencia de Gaio e Salvio Juliano, á diffusão das luzes, á litteratura romana das provincias, a tudo o que significa, por uma parte, a morte da velha Roma, e, pela outra, a exaltação de Roma universal, da cidade uma, que comprehende todos os povos, e prepara os novos destinos do mundo.

Esta apreciação é, pelo menos, de altos espiritos. Quem vê as coisas assim, vê-as muito de cima. Vel-as ha claramente? Aqui é que surgem as duvidas.

As partes são, em geral, verdadeiras; a conclusão é falsa. A liberdade, em Roma, era um privilegio. Quem o contesta? E o que tem sido nos primeiros periodos da historia de todos os paizes onde se tem desenvolvido regularmente? O que cumpria provar era que o privilegio romano tinha um tal character de exclusão, de immobildade, que tornava impossivel a sua extensão. Ora, não vemos nós os plebeus romanos, isto é, os cidadãos de segunda formação, igualedos aos primitivos, os patricios? Não vemos, além das concessões particulares e dos desmembramentos do privilegio, municipios, Lacio, direito italico, toda a Italia incorporada na cidade, depois da guerra social? E não veriamos, se a republica tivesse subsistido, o movimento emancipador continuar com a mesma actividade, produzindo, como consequencia necessaria, a unidade social? Com uma só differença: tudo o que o imperio realisou pelo despotismo, arbitrariamente, caprichosamente e por vezes absurdamente, teria sido realisado pela liberdade.

Os Romanos não podiam ser livres! Os contemporaneos dos Gracchos, de Mario, de Sylla, de Cesar e de Augusto

usavam da liberdade! Não me dou por convencido. Reheço que as discordias civis tornaram possível o estabelecimento do despotismo, e que a sujeição dos Romanos a Julio Cesar tornou talvez inevitavel a sua consolidação. Mas, aqui como em toda a parte, creio que a liberdade curou as feridas que fazia melhor do que as podiam curar os empiricos que d'isso se encarregaram. O governo de Roma, imperfeito por certo, mas o melhor da antiguidade, tinha-a levantado a um cume de gloria e poderio, como nunca se tinha visto, e como nunca mais se viu; mas, concebido para uma cidade pequena e conquistadora, não podia convir a um estado a quem a sua propria extensão impunha limites. Todavia, este governo podia ter sido modificado segundo as novas condições da sociedade romana; o principio da representação, que não era desconhecido aos antigos, teria gerado uma constituição mais conveniente; e os fastos da republica universal não seriam menos brilhantes do que são os da communitate guerreira.

Mas a decadencia? *Abyssus abyssum*. E quem nos diz que a decadencia não provinha, em grande parte, da incapacidade fundamental da fórma consular, e que, convocados para a cidade, por um systema mais amplo, os novos membros da sociedade romana, não teria vindo d'elles o principio vivaz e regenerador que podia sustar a decadencia? Mas esses povos entraram na cidade, e a decadencia pronunciou-se mais. Embora. O que era possível á liberdade, seria loucura esperal-o do despotismo. A liberdade cria, porque é o direito; o despotismo esterilisa, porque é a iniquidade.

Parece-me tudo isto verdadeiro, tanto historicamente como philosophicamente: em these e na hypothese. O christianismo foi o elemento regenerador dos Romanos, mas a sua acção foi individual, não passou das almas para a sociedade politica. Os christãos eram livres, porque só temiam a Deus; como a liberdade lhes vinha de um principio superior, tão livres ficaram no dia do triumpho quanto tinham sido nos dias de provação: a liberdade publica não lhes deveu nada.

Outrotanto nos póde ensinar o estoicismo práctico dos opposicionistas aos primeiros Cesares. Quando soou para elles a hora da victoria, os seus principios produziram principes admiraveis, mas deixaram o povo escravo. É que os discipulos do Portico nunca tinham votado á liberdade esse ardente, tenaz, e exclusivo amor que ella exige para se render; o sentimento que os animava só merece o nome de amor platonico.

A superioridade da administração imperial é evidente. Os beneficios da ordem foram, durante alguns annos, muito grandes. Mas, é licito perguntar, a ordem não se teria estabelecido sem a intervenção do herdeiro de Cesar? De certo que sim, porque a paz octáviana tem umas similhanças terriveis com a prostração que succede ás grandes crises. Parece-me que muitos lançam na balança a favor de Augusto beneficios que lhe não são devidos. A sua administração foi melhor que a da republica; e não só o foi, mas devia sel-o, o que é mais decisivo: comtudo, como a administração republicana não era estacionaria, como, pelo contrario, tinha chegado a um tal ponto de perfeição que

pôde offerecer a Augusto, não só os modelos necessarios, mas um pessoal consideravel, sem o qual elle nada teria creado, a minha admiração pelas glorias administrativas do imperio é muito moderada.

A paz do orbe romano é o facto mais brilhante. Assim ella se tivesse conservado durante os seculos que gereram sob o latego dos Cesares! Mas o poder absoluto tem seus perigos, assim como a liberdade; no perfido elemento onde navega o seu baixel não são menos frequentes os escolhos, menos temerosas as tempestades. Se a morte, talvez violenta, de Augusto, e o assassinato dos seus tres immediatos successores, não provocam a lucta civil, a exaltação de Galba desencadea todos os furores da guerra interna e externa, e, posto que os Flavios e os Antoninos consigam restabelecer e conservar a ordem, com a morte de Marco Aurelio renasce uma hedionda anarchia, que se prolonga, sem embargo de pequenas e nunca decisivas interrupções, até Diocleciano e Constantino.

A jurisprudencia progrediu muito durante o imperio, mas pela estrada que lhe tinha aberto a republica. A sociedade que publicou o Edicto do pretor reclama a maior parte na gloria dos desenvolvimentos subsequentes. Aqui tambem, temos o direito de suppôr que a liberdade teria feito mais e melhor.

O desenvolvimento da litteratura nas provincias, e o remoçamento das lettras romanas pelos escriptores estranhos á Italia é um facto que só podia começar no oitavo seculo de Roma; mas quem lançou os alicerces d'essa obra foi um republicano, Sertorio. A ninguem tanto como a elle deveu a Hespanha a prioridade da sua civilização, que lhe

alcançou o primeiro papel na idade argentea das letras latinas, onde avultam os nomes dos Senecas, de Lucano, de Pomponio Mela, de Floro, de Marcial e de Quintiliano. A litteratura, mal das protecções mecenaticas, pouco ou nada deve ao poder imperial. A grande epocha das letras é a da queda da republica. O periodo classico, que se segue, fica-lhe muito abaixo em inspiração, é menos rico em genios originaes, e os grandes escriptores que o honraram, e cujas obras teem sido, são e hão de ser, as delicias da humanidade, são todos de origem e muitos de character republicano.

Por outra parte, a litteratura soffreu, como tudo o que é grande, bello e bom, com o estabelecimento da monarchia absoluta. A adulação é a musa dos escravos. Os grandes assumptos litterarios e historicos eram vedados aos escriptores independentes. A voga do theatro, que nunca fôra grande, decahiu, ao passo que augmentava a do circo, do amphitheatro e do estadio. Quanto á eloquencia, essa fôra do principio *pacificada* por Augusto. Que ficava? Ficava a rhetorica.

Num longo periodo de mais de quatro seculos, e para um grupo de homens tão consideravel como o que então fallava a lingua latina, só apparece um escriptor de verdadeiro genio, e, ainda assim, a composição das suas obras deve-se ao accidente que concedeu á sua velhice os principados de Nerva e Trajano, depois de lhe ter dobrado a cabeça ao jugo ignominioso de Domiciano. A indignação, que foi a musa de Tacito, inspirou tambem altamente o formidavel Juvenal; mas a litteratura latina apresenta em todos os ramos uma deploravel mediocridade, mormente se

a compararmos com os productos contemporaneos da imaginação hellenica, com os fructos preciosos d'essa quarta e quinta e sexta reflorescencia, que são as obras de Plutarcho, de Luciano, de Arriano, de Porphyrio, de Longino, de Julião, e do verbo final da poesia e da philosophia pagã, Proclo. Não menos desfavoravel lhe será a confrontação com a litteratura sacra do Oriente e do Occidente.

A obra de Augusto não me parece pois digna de admiração. As grandes coisas que honram o periodo imperial devem-se á iniciativa republicana ou á acção de entidades que são estranhas ao poder, a philosophia do Portico e o christianismo. Uma grande sociedade, num alto estado de civilização, não pôde ficar improductiva. Mas o despotismo tem o dom de esterilisar tudo. Ainda quando os seus serviços tivessem, na hypothese, sido mais importantes, o juizo da philosophia e da historia não devia ser-lhe favoravel, porque a destruição da liberdade não tem, em circumstancia nenhuma, justificação possivel. Mas os serviços que o systema novo prestou, e que lhe são tomados em conta, não os podemos referir a Augusto, já porque o fito de todos os actos d'este imperador foi sempre, e primeiro que tudo, consolidar o poder absoluto, já porque o restabelecimento da ordem, depois da morte de Antonio e Cleopatra, de toda a maneira se havia de verificar. A moderação de Augusto tornou o seu principado muito menos humilhante para os Romanos, muito menos odioso e pesado do que foram depois o de Tiberio e de quasi todos os outros imperadores; mas esta moderação era necessaria. Longe de mim o negar a Augusto a justiça que fiz a Cesar! Augusto era um homem eminente, sem qualidades brilhantes e sem grandeza

..

real, mas dotado de admiravel perspicacia, firmeza e resolução. Incontestavelmente, tinha nascido para governar, porém o mundo pagou bem caras as poderosas faculdades d'esse homem, que, representando, alternativa e por vezes simultaneamente, uma tragedia cruenta e uma perfida comedia, conseguiu aterral-o, enganar-o e escravizar-o.



PROSPER MÉRIMÉE

I

A litteratura franceza é popularissima em Portugal. Poemas, romances, theatro, historia, critica, tudo lemos e relemos com notavel e desculpavel soffreguidão.

Disse *desculpavel*. Devia ter dito *louvavel*. A litteratura antiga e moderna de Portugal escassamente poderia satisfazer ás necessidades intellectuaes de tantos homens que estudam, e ás necessidades *intellectuaes* tambem de tantissimos a quem as lettras servem de mera distracção. Os antigos, além d'aquellas onde se lê o nome fulgurante de Luiz de Camões e mais alguns que são outros tantos astros no ceu da nossa patria, só nos legaram obras valiosas pela linguagem, pelo estylo ou pelas noticias que nellas se conteem. São estas as qualidades que tornam uma composição litteraria interessante para todos os tempos? Quer-me parecer que não.

As obras duraveis são as que nascem marcadas com o sêllo de uma grande superioridade poetica, porque despertam e hão de despertar sempre no espirito dos que as con-

templam a idéa divina do bello, e as que apresentam um tal caracter de universalidade que as torna cosmopolitas, e portanto dignas de ser consultadas pelos homens de todas as idades.

Nestas circumstancias se acham para nós os monumentos da antiguidade grega e romana. Os Gregos e os Romanos pertencem á historia; os seus herdeiros somos nós todos, povos da Europa, em primeiro logar os do Occidente, e nestes principalmente os de raça latina. Por mais que hoje se empenhem eruditos e poetas na louvavel tarefa de reconstruir a lingua grega, e com ella a nacionalidade hellenica, por mais puro latim que na actualidade se possa escrever em Roma, ninguem nos contestará a gloriosa procedencia, ninguem ousará reclamar contra as nossas legitimas pretensões. Somos Gregos e Romanos na litteratura, na philosophia, nas artes, nas instituições; é por isso que a litteratura grega e romana tem para nós uma importancia que não podem ter as litteraturas contemporaneas dos outros povos da Europa. Em todas estas revela-se mais ou menos sinceramente o caracter nacional; ora o que nós queremos encontrar nas obras estranhas á nossa nacionalidade é exactamente o contrario; é o caracter universal, o cosmopolitismo.

Nenhuma litteratura póde competir, a este respeito, com a litteratura grega e romana; mas, rechaçadas num ponto, as modernas aggridem noutro, e com vantagem. Para penetrar nas litteraturas antigas exige-se muito estudo, não pouca intelligencia e constancia, o conhecimento de uma lingua difficil, de outra difficilima, emfim todos os esforços necessarios para reviver pelo pensamento dezenove, vinte, vinte e cinco seculos atraz.

São deliciosos e salubres os fructos d'estas diligencias; ninguem que os tenha colhido se atreve a desdenhar d'elles: são o fructo do *lotos*. Mas quantos se propõem conquistal-os á custa de tantos labores? Poucos, e não admira, nem é de estranhar.

A moderna litteratura portugueza é, a muitos respeito, digna de louvor. No pequeno quadro de livros bons que a exiguidade da nossa população nos consentiu que produzissemos durante os setenta annos d'este seculo, alguns ha que merecem ser equiparados ás melhores producções das litteraturas estranhas. *D. Branca* e *Camões* são flores inestimaveis, de tal belleza e fragrancia como se não encontram outras facilmente nos jardins de Italia, de França e de Inglaterra. O *Fr. Luiz de Sousa* marca com o *Carmagnola* e o *Adelchi* de Manzoni o ponto culminante do theatro moderno. No romance historico, a patria de Alexandre Herculano, de Garrett, de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de Andrade Corvo, não cede a palma senão á grande Inglaterra, não digo bem, só a cede ao mestre dos mestres, a Walter Scott. *Henry Esmond*, *Cinq-Mars*, *Nossa Senhora de Paris*, a *Chronica do reinado de Carlos IX*, os *Noivos*, são obras de um merito extraordinario; mas nenhum paiz se pôde orgulhar de ter produzido neste genero tantas e tão boas narrações como essas que se intitulam *O Arco de S. Anna*, *O Monge de Cister*, *A mocidade de D João v*, *Um anno na córte*, *Os Mosqueteiros d'Africa*, *O Balio de Leça*.

Na historia, o nome do sr. Alexandre Herculano é-nos um glorioso brazão; na poesia lyrica, a nossa fórmula predilecta, não faltam cultores nem obras primas; na interpre-

tação dos poetas estranhos, temos um artista que é uma excepção maravilhosa, o sr. Castilho; emfim a critica, a historia, a poesia, o romance dos ultimos tempos, teem-nos revelado nomes taes como os de Silva Gayo, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, e outros que seria longo e é inutil enumerar aqui.

Resta ainda mencionar na lista das obras cuja composição data de mais de quinze annos, *grande mortalis aevi spatium*, a *Herança do Chancellor*, do sr. Mendes Leal, excellente comedia muito pouco conhecida e muitissimo digna de o ser.

Estas riquezas eram, porém, insufficientes; cumpria recorrer aos thesouros estranhos. Assim fizemos, e seduziram-nos principalmente as opulentas minas e os habeis artistas de França.

Fallando com mais exactidão, as joias francezas é que vieram ter comnosco. Procurar quem as queira é uma das suas naturaes propriedades. Tanto se esquivam e dissimulam as dos paizes insulares e transrhenanos, quanto estas se avisinham, se mostram, se offerecem. Às vezes até chegam a ser importunas.

Embora. São bellas, scintillantes, de summo valor, e mais raras do que geralmente se suppõe. São raras as joias. As pedras que as imitam são vulgares, e fingem tão bem, e os impostores sabem compôr tão habilmente um adereço de pedras boas e falsas que muitos, aliás experimentados, se enganam a miudo.

Deixemos a allegoria. A litteratura franceza antiga e moderna, a primeira ainda mais do que a segunda, substituiu, nos estudos de quasi todos os povos da Europa, a lit-

teratura grega e a litteratura latina ; tornou-se uma litteratura internacional, e como tal predominante. Deve esta rara fortuna ás excellentes qualidades da sua lingua, excellentes sobretudo para os estrangeiros, — o que não é claro não é francez, — e ás não menos excellentes qualidades dos seus grandes escriptores, á amplidão intellectual e á generosidade que os caracteriza, de Montaigne a Voltaire, de Fénelon a Chateaubriand, de Montesquieu a Tocqueville. Os modernos livros francezes que nós mais familiarmente conhecemos pertencem á chamada litteratura de imaginação, romances, poesias, dramas. Esta classe é vasta ; encontra-se ahi muito e muito bom que escolher ; mas em Portugal temos ido em geral ao peor.

Ha nomes que a sua reputação europea impõe á admiração de todos. Cá chegaram os de Victor Hugo, de Lamartine, de Alfred de Musset. Temos-lhes pago, pagamos, e continuaremos a pagar, o merecido tributo. Mas, perguntarei, são só estes os grandes poetas da França no seculo actual ? Não haverá outros, iguaes a muitos respeito, em alguns pontos superiores ? Ha, mas Portugal conhece pouco Alfred de Vigny, pouquissimo Victor de Laprade e Sainte-Beuve, nada, absolutamente nada, Auguste Brizeux e Auguste Barbier.

Não pretendo collocar todos estes nomes a par d'aquelles que primeiro escrevi ; só um poderá em justiça reclamar essa honra ; é o de Alfred de Vigny, o auctor d'*Eloa*, de *Moisés*, de *Dolorida* ; mas os *Idyllios heroicos* e *Pernette*, de Victor de Laprade, o *Pianto*, de Barbier, *Maria*, os *Bretões*, de Brizeux, e, mais que todos estes, pela viva expressão das molestias moraes proprias do nosso seculo, as

Consolações, de Sainte-Beuve, merecem que os examinemos e estudemos. Por minha parte, não duvido afirmar que d'esse estudo resultariam effeitos mais proficuos do que da eterna repetição das obras de Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Musset.

Esta asserção é inesperada; convém que exponha as minhas razões. Ninguém lê com maior admiração e mais viva sympathia do que eu as *Folhas do outomno*, as *Harmonias*, as *Noites*, e a *Carta a Lamartine*. Comtudo Victor Hugo perdeu-se, como o Satanaz de Milton, por um desmesurado orgulho, que o seu viver de vinte annos a esta parte tem augmentado e vai augmentando todos os dias. Lamartine fugiu para a politica, para a historia improvisada, para a critica litteraria de imaginação; de sorte que, depois do *Jocelyn*, onde já avultam mais os seus defeitos de todos os tempos, compensados porém pela magnitude da composição, pela sublimidade dos pensamentos, e pela incomparavel harmonia dos versos, depois do *Jocelyn*, as suas paginas poeticas contam-se, salvam-se com difficuldade, do pelago de banalidades em que as affunda e esconde uma fada maliciosa.

Alfred de Musset, logo abaixo de Byron o poeta mais poeta do seculo, e o mais desgraçado (vem a ser o mesmo), depois de se ter estreado como poucos acabam, acabou, finou-se intellectualmente antes da idade das obras vigorosas; uma boa parte da collecção dos seus poemas desperta em nós os tristes sentimentos que nos assaltam ao lermos a *Queda de um anjo* e os *Récueillements poétiques*, os *Raios e as sombras* e as *Canções das ruas e dos bosques*. O genio transviado e extenuado é um dos mais dolorosos espectaculos que ao homem é dado contemplar; este dolo-

roso espectáculo, mal por nós, bastantes vezes nol-o offerece a poetica trindade, Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Musset.

Com os outros poetas cujos nomes citei não succede outrotanto. Nenhum, a não ser Alfred de Vigny, chegou a ser popular; e, inda assim, este tornou-se conhecido principalmente pelo seu romance *Cinq-Mars*, obra immensamente inferior ás suas producções anteriores; Sainte-Beuve ganhou a gloria á lançada viva, e por vezes traiçoeira ¹, na estacada da critica; Victor de Laprade não ouviu o seu nome repetido por todos os echos da França senão depois que fez da lyra um chicote, e azorragou sem piedade os miseraveis que deshonram a sua patria.

Barbier teve um momento de immensa popularidade. Infelizmente, esta popularidade não era fundada numa judiciosa apreciação do merito litterario dos seus *Jambos*. Os vencidos de 1830, os desilludidos, os zombadores, que nunca faltam em França, e com estes todos algum verdadeiro entendedor, applaudiram o vigor, a certeza, a diabolica habilidade do moço poeta, em quanto o viram marcar com o ferro em braza a fronte dos ignobeis vencedores. Mas quando o poeta, desprezando a facil gloria da satyra, se voltou para a contemplação do ideal, e para a interpretação da realidade, o silencio envolveu o seu nome.

Brizeux nem esses rapidos momentos de celebridade inebriante pôde obter. O desgraçado auctor de *Maria*, da *Flor d'ouro*, dos *Bretões*, das *Historias poeticas*. morreu,

¹ É a minha opinião.

como tinha vivido, quasi exclusivamente conhecido dos homens de letras.

Ora a popularidade legitima, a gloria, é o maior dos bens para o homem, mas quasi sempre influe perniciosamente sobre o poeta. Quem chega a essas alturas vertiginosas perde a cabeça, e para que os pés lhe não resvalem no abysmo, segura-se a qualquer tronco, por disforme que seja, a qualquer fragmento de penedia, por mais rude que se lhe revele o seu contacto. Pelo contrario, os poetas a quem as summas alegrias foram negadas, quando Deus lhes deu uma verdadeira alma de poeta, alada e todavia presa á terra por laços indestructiveis, esses perseveram, luctam e vencem.... depois de mortos.

Eis o motivo por que eu julgo conveniente que nos relacionemos com esses que não ousou chamar *poetae minores*, mas que são entre nós pouco conhecidos. Ahi não ha desvairamento, nem deslumbramento, nem descuidos, nem pretenções ridiculas, nem extenuação. Tudo são conselhos seguros, tanto as victorias como as derrotas, porque o artista nunca se desampara.

Assim como o seu renome europeu nos tem feito conhecidos alguns dos maiores poetas de França, os nomes de alguns dos seus grandes narradores são-nos tambem familiares. George Sand e Balzac são admirados entre nós como os corypheus do romance moderno; comtudo poucas obras suas correm em portuguez, e os originaes não são dos livros que mais frequentemente apparecem nas mãos de quem é capaz de os entender.

Nos tempos mythologicos da *Ipsiboé*, do *S. Clair das*

ilhas e do *Cego da fonte de Sancta Catharina*, romances dos quaes Deus me livre de dizer mal, a mim que em menino lhes devi tantas horas deliciosas, Alexandre Dumas e Eugène Sue, Frédéric Soulié e Paul de Kock invadiram Portugal. A victoria foi prompta e imbelle, porque os nossos velhos auctores cederam o campo facilmente. Os invasores não se contentaram de assentar as suas tendas no nosso territorio ; seduzidos pela amabilidade dos vencidos, deram-se logo á construcção de monumentaes palacios e castellos, pouco elegantes, mas solidos, espaçosos e commodos, onde por largos annos disfructaram em paz a sua conquista.

Pesado foi o seu jugo, mas, diz o proverbio, *atrás de mim virá quem bom me fará*. Hoje que nós, Portuguezes, humildes subditos do visconde Ponson du Terrail, levamos o abatimento a ponto de quasi nos orgulharmos da nossa sujeição, hoje que todos os jornaes publicam em folhetim os romances do inesgotavel visconde, e que as suas obras atulham, tanto no original como em versões, as casas dos livreiros, seja-me licito recordar com saudade o tempo em que o nosso ardor por este genero de litteratura nos levava ás vezes a escriptores taes como Méry e Léon Gozlan, Paul Féval e Emmanuel Gonzalès, os quaes ao menos, como o Alexandre Dumas e o Frédéric Soulié dos melhores dias, sabiam o que é e o que vale um bom livro, e cujos trabalhos *litterarios* foram mais de uma vez muito bem succedidos.

Comtudo nem uns nem outros são os bons romancistas de França. Os Francezes, que tambem peccaram neste ponto, sabem-n'ó hoje e reconhecem-n'ó. Creio que os proprios escriptores que nós em Portugal admiramos não se

illudem acerca do merito real das suas obras. A sua *profissão* é rendosa, por isso a exercem. Nós porém persistimos. George Sand e Balzac são sufficientemente notorios. Mas quantos homens ha hoje em Portugal que conheçam e apreciem Jules Sandeau e Charles de Bernard, Paul de Molènes e Victor Cherbuliez? E Prosper Mérimée, maior que todos estes? E Edmond About, Paul Perret, Amédée Achard? Engano-me. Jules Sandeau foi revelado ao publico portuguez, porque encontrou entre os seus raros admiradores um traductor como o sr. Pinheiro Chagas. Igual fortuna teve Octave Feuillet. Corre tambem na nossa lingua alguma coisa de Edmond About e de Amédée Achard. Mas a maior parte dos escriptores acima apontados são para quasi todos os leitores portuguezes nomes e nada mais. Alguns nem isso.

Proponho-me fallar do mais illustre, de um escriptor que é ao mesmo tempo romancista, poeta dramatico, critico, historiador, antiquario, que em todas estas provincias tem ganho um logar distincto, e que na do romance não vê ninguém acima e poucos ao lado. Este quasi desconhecido em Portugal é Prosper Mérimée, o auctor de *Colomba*.

II

As obras de Prosper Mérimée dividem-se chronologicamente em tres grupos. De 1825 a 1829, o theatro preoccupa o joven escriptor, que adopta para quasi todas as suas

composições a fórma dramatica. Ao *Theatro de Clara Cazul* succedem a *Jacquerie* e a *Familia de Carvajal*. A *Guzla*, publicada logo em seguida a *Clara Gazul*, parece dever collocar-se naturalmente em outro grupo, mas, nesta composição, assim como nos episodios da *Chronica do reinado de Carlos IX*, que fecha o periodo, a simplicidade da concepção, a rapidez do dialogo, a pintura energica dos caracteres, a sobriedade dos incidentes, tudo revela o poeta dramatico.

A *Chronica* está nas fronteiras dos dois periodos. É uma collecção de pequenos dramas e comedias, alguns apenas esboçados, outros completos na sua brevidade, todos caracterisados pelas qualidades que notámos nas composições anteriores; não é um romance, porque lhe falta unidade. Comtudo esta fórma, mais ampla e mais accommodada ao genio moderno, torna-se a predilecta do auctor. *Mateo Falcone*, *Tamango*, o *Vaso etrusco*, acompanhados em breve de obras de mais folego, taes como as *Almas do purgatorio* e o *Duplo engano*, preparam lentamente a obra incomparavel, a perola do moderno romance francez, *Columbia*.

O anno que viu nascer esta maravilha assignala-se, nos fastos litterarios de Prosper Mérimée, pelo ingresso do escriptor em novos dominios. O *Ensaio sobre a guerra social*, publicado discretamente, não exposto á venda, e somente communicado a alguns mestres e amigos, promete desde logo á França um historiador que, sem perder os seus dotes de romancista, se revela um profundo e consciencioso erudito.

No terceiro periodo accumulam-se obras de naturezas

distinctas, onde porém predomina a tendencia para a historia e para a erudição. A *Conjuração de Catilina*, a *Historia de D. Pedro o Justiceiro*, a *Historia dos falsos Demetrios*, e, ainda ha poucos annos, os *Cosacos d'outrora*, estão incontestavelmente no primeiro plano. Porém *Carmen* e *Arsène Guillot* provariam a quem d'isso duvidasse que, em Prosper Mérimée, a erudição não destruiu a arte; as *Scenas historicas* contam-se no numero das mais bellas paginas que teem sahido da sua penna; e um conto fantastico, publicado em setembro de 1869 na *Revista dos Dois Mundos*, *Lokis*, mostra evidentemente que o poeta persiste, não só a despeito da sciencia, mas ainda a despeito dos annos.

Estes trabalhos não são porém os unicos que os biographos conscienciosos de Prosper Mérimée terão que registrar. A sua actividade intellectual pedia um campo mais vasto para se exercer completamente. Attrahido desde os seus primeiros annos para as indagações historicas, firmado nesses habitos d'estudo pelos grandes resultados que d'ahi tinha tirado, o moço escriptor encetou, ao lado da sua carreira litteraria propriamente dita, uma carreira parallellela de trabalhos bem diversos, posto que relacionados com os primeiros. A critica artistica, a que consagrou parte do seu tempo, já no desempenho das suas funcções officiaes, já por inclinação propria, não absorvia de tal fórma as suas faculdades de apreciação que lhe não consentisse frequentes e felicissimas excursões nas provincias da critica litteraria e historica. Os seus ensaios biographicos e criticos sobre Byron, Cervantes, Grote, Ticknor, Merivale, são uma amostra do que elle poderia ter feito neste genero, se a uni-

versalidade das suas aptidões o não distrahisse por tantos caminhos.

Eis o quadro da vida litteraria de Prosper Mérimée. Seria impossivel comprehender nos apertados limites de um artigo a apreciação completa de cada uma das suas obras. Ser-me hia a mim ainda mais impossivel o dar conta de todas ellas com verdadeiro conhecimento de causa. Para as avaliar devidamente, requer-se, se não um talento como o seu, pelo menos um saber tão vasto e tão profundo. Deixando por isso o antiquario, direi somente, a respeito do poeta e do historiador, o que me offerece a familiaridade em que de ha muito vivo com as suas obras, e a verdadeira admiração que me inspira o seu raro talento.

O *Theatro de Clara Gazul* foi publicado sob a egide de um duplo pseudonymo. O auctor, receando as consequencias de uma publicação talvez prematura (tinha então apenas vinte e dois annos) escondeu prudentemente o seu nome. Comtudo, se ha estrêas que não devam inspirar receios, *Clara Gazul* é sem duvida d'essas. Os pequenos dramas de que se compõe a collecção nem de longe denunciam a verdura dos annos do seu auctor; o pensamento é claro, a expressão precisa, a acção o mais rapida e o mais franca possivel. Não merecem todos louvores iguaes. Alguns ha que são apenas esboços, mas, tanto nestes como nos dois mais importantes, os *Hespanhoes na Dinamarca* e *Inès Mendo*, a simplicidade do plano, o desenvolvimento logico dos caracteres, a verdade dos factos, tudo provoca a nossa admiração,

Os *Hespanhoes na Dinamarca* indicam no auctor uma rara independencia de espirito. Tomar por heroína uma

mulher que a desgraça levou a exercer o triste officio de espia não é uma idéa que occorra naturalmente a um mancebo. Comtudo Prosper Mérimée sabia, porque lh'o tinham ensinado os grandes poetas inglezes e hespanhoes, cujas obras elle conhecia directamente, que a poesia reside em todos os factos da vida humana ; o trabalho do poeta consiste em observar, em generalisar, em escolher. Nos corações mais depravados, nas mais abjectas situações, ha uma coisa que persiste sempre ; é a individualidade humana, capaz de amor, de sacrificio, de abnegação. Quanto maiores são os obstaculos que se oppõem ao desenvolvimento da parte divina do nosso ser, tanto mais vivo é o interesse que em nós excita o spectaculo d'essa lucta. Mas, como todos os homens somos, por condição, limitados, pequenos, cheios de contradicções e de fraquezas, a verdade superior só pôde ser obtida por meio da abstracção. Cumpre que o poeta, fundando-se na observação e na historia, que é a observação do passado, destaque do contingente o necessario, do accidente o essencial. De outra fórma, poderá surprehender a nossa sensibilidade, nunca mover profundamente o nosso coração. Quando uma obra d'arte nos faz chorar, a causa das nossas lagrimas são as nossas proprias miserias que vemos nas alheias ; o que excita a nossa admiração, o nosso enthusiasmo, é a grandeza, a magnanimidade de que cada um de nós se sente capaz ; as nossas indignações são levantadas pelos actos que, em rapidas e sinistras aparições, nos teem por vezes enluctado e como que enodoado a mente : numa palavra, o que commove o homem é a paixão humana, é o homem.

O processo acima indicado é a funcção da imaginação.

A *folle du logis* não póde crear no sentido rigoroso da palavra. Do nada nada se faz. Mas póde conceber o que não existe na realidade concreta, e dar portanto a existencia a seres de uma natureza complexa, verdadeiros e todavia impossiveis.

Não se sabe qual seja a esthetica litteraria de Prosper Mérimée. Ninguem mais discreto do que elle. Os seus segredos são verdadeiros segredos; não se revelam. Mas não será uma ousadia temeraria conjecturar que as suas idéas não vão longe das que acabo de indicar. Todas as suas obras assentam num estudo paciente da realidade; comtudo ninguem que as leia com attenção poderá negar que a imaginação represente na sua formação um papel importante. Os seus romances e os seus dramas, com não serem inventados, isto é, construidos de materiaes proprios, não são por isso meras anedotas. Os seus caracteres não são retratos, são typos. As suas observações exercem-se sobre o mundo real, e vão comtudo além da realidade.

Mostra isto que a imaginação póde e deve exercer uma acção importante no estudo e na exposição da historia. A historia não são os factos da tradição, é a resultante, a significação, o sentido de todos elles. O historiador narra, mas não narra tudo. Pinta, mas pinta idealisando, isto é, escolhendo, avultando. Julga, mas julga do alto, com uma inesgotavel indulgencia para com os homens, com uma severidade inflexivel para com os factos. É por isso que raras vezes se commove. A verdade ha de resultar do todo da composição; de outra fórma, póde-se cansar o auctor a indical-a, que nós os leitores ficaremos indifferentes ou incredulos.

A impassibilidade, ou antes a completa e sincera imparcialidade, é portanto um dever do historiador. Não que lhe seja prohibido o interessar-se, o pronunciar-se interiormente por uma idéa, por uma opinião, por um homem, por um partido; mas a sua obra não deve resentir-se d'essas sympathias. Se assim não for, temos um advogado, não um juiz, menos um artista.

Ora Prosper Mérimée foi desde o principio um verdadeiro artista. Comprehendia o valor da tradição, estudava os modelos, e guardava-se cuidadosamente de os imitar. A sorte favoreceu-o, trazendo-o ao mundo numa epocha em que o espirito humano, cansado de se exercer num campo severa e inflexivelmente demarcado, aspirava a expandir-se em todos os sentidos. O estudo e a imitação dos grandes poetas modernos era, na apparição do brilhante meteoro romantico, o processo geralmente empregado pelos escriptores francezes para attingir á creação da poesia nova. Este processo pôde chamar hoje um sorriso aos nossos labios; mas é indubitavel que, se a imitação não produziu nem podia produzir resultados uteis, o conhecimento familiar das litteraturas estranhas, menos puras e correctas, mas de mais livre inspiração do que a litteratura franceza, devia ser fecundo.

Nos *Hespanhoes na Dinamarca*, que procedem, por uma parte, do theatro allemão, pela outra, de Shakespeare e Calderon, não ha sombras de imitação. Concepção, execução, tudo é pessoal, original. A idéa é audaz. De uma parte, um moço official, bravo, generoso, entusiasta, invocando ardentemente esse facto decisiyo na vida de alguns homens, a que se dá o nome de amor. Da outra, uma

mulher criada na mais criminosa das profissões, alma não perversa mas quasi deshumana, quer dizer, subtrahida pela educação e pelos azares da vida ao imperio da lei moral. Encontram-se os dois, e mal se offerece ao mancebo um ensejo de manifestar a grandeza, a generosidade do seu character, eis que surge logo o amor, violento, irresistivel, imperioso, omnipotente, e tão involuntario, tão puro, tão desinteressado de ambas as partes, que, quando Madame de Coulanges reconhece que não é digna de inspirar um tal sentimento, quando a sua consciencia, acordada emfim, se levanta contra a idéa de unir a abjecção á pureza immaculada, Don Juan, e o leitor com elle, esquecem de repente todas as nodoas do passado, e julgam as culpas sufficientemente expiadas pela profunda humilhação do criminoso, pelo seu arrependimento, pela sua abnegação: de sorte que os conselhos da prudencia vulgar, os dictames da moral inferior, perdem toda a sua auctoridade, deixando actuar livremente os sentimentos heroicos que são a prova da nossa divina origem.

Fazer-nos aceitar um desfecho d'estes, tão paradoxal, tão inesperado, e ao mesmo tempo tão verdadeiramente moral, é de mestre, evidentemente. Mas, se considerarmos que o auctor pouco mais tinha de vinte annos quando conseguiu este resultado, a nossa admiração sobe de ponto. Ha aqui, independentemente do talento, alguma coisa que collabora para o effeito final. Esse elemento é, a meu ver, o systema, isto é, a observação exacta, e a livre interpretação.

A *Jacquerie* foi publicada dois annos depois de *Clara Gazul*, mas não indica progresso sensivel. Pelo contrario.

O pensamento não é indeciso, a lingua é firme, as diversas acções interessam; mas são tudo episodios. Acção principal, subordinação, unidade, debalde as procurariamos. Ora, sem unidade não ha drama. A *Familia de Carvajal* é uma obra muito mais vigorosamente concebida. Mas o assumpto é por tal fórma repugnante, a paixão que gera o drama é tão hedionda e ao mesmo tempo tão excepcional, que o nosso espirito como que se torna indifferente. O auctor é castigado por onde peccara. Procurou a energia numa monstruosidade, e o seu talento, aliás admiravel nesta mal inspirada composição, perde todo o seu imperio sobre nossas almas.

Chegamos ao livro que consagrou a reputação de Mérimée, a *Chronica do reinado de Carlos IX*. É a mais vasta das suas composições poeticas, e uma das mais interessantes. Comtudo, como já indiquei, não ha aqui um verdadeiro romance, porque não ha unidade. Os amores de Mergy e Diana de Turgis são um episodio habilmente contado; não chegam a adquirir a importancia de uma acção principal. Os outros episodios ligam-se mal com este, e o todo apresenta-se aos nossos olhos sem essa proporção, essa harmonia, que é uma das maiores bellezas das obras poeticas, e condição essencial da perfeição. Todavia, posta esta restricção, o nosso juizo é favoravel; e, se o é absolutamente, muito mais o deve ser, comparando este livro com a maior parte dos romances historicos que a litteratura europea nos offerece depois de Walter Scott. Exceptuando quatro ou cinco obras admiraveis, todos são inferiores á *Chronica*, tanto pela verdade historica como pela verdade humana. Algumas das qualidades mais apre-

ciaveis de Mérimée, a simplicidade, a sobriedade de ornatos, a energia e a vivacidade na expressão, manifestam-se neste livro mais esplendidamente do que nos anteriores, e fazem d'elle como que um precursor das obras primas que se preparavam.

E tão de perto as annunciava que, ainda no anno de 1829, data da publicação da *Chronica*, um pequeno romance, um simples conto de menos de vinte paginas, revelava aos Francezes que o seu paiz possuia mais um grande escriptor. *Mateo Falcone*, com effeito, se é licito aos contemporaneos anteciparem-se ao juizo da posteridade, parece destinado a durar tanto como a lingua franceza.

III

Com *Mateo Falcone* e *Tamango* entramos no periodo das obras admiraveis, em que a critica pouco tem que reparar. Comtudo ainda aqui se propõem algumas duvidas. O assumpto de *Mateo Falcone* será um assumpto poetico? *Tamango* não soffre objecções neste ponto. As aventuras de dois desgraçados que a violencia dos homens e as suas proprias paixões reduzem á escravidão, e que soffrem nesse horrivel estado todas as miserias a que os humanos andam expostos, esta triste historia, tão velha como o mundo, e quem sabe se tão eterna como elle, contada de uma maneira singular, ao principio ironicamente, e pouco a pouco num *crescendo* portentoso de paixão refreada mas impe-

tuosa, é incontestavelmente susceptível de nos captivar a atenção e de nos commover profundamente. Acontecerá porém o mesmo com *Mateo Falcone*? O acto selvagem de um homem que pune a traição de uma criança de dez annos, seu filho, immolando-o despiudadamente, sem quasi lhe dar tempo de acabar ás suas orações, não levantará em nossos peitos uma tão ardente reprovação que nos torne insensíveis a todas as bellezas da obra, por maiores que sejam? Não haverá aqui alguma coisa como o que já notei em relação á *Familia de Carvajal*? As monstruosidades, as excepções, são porventura a materia propria da poesia?

A resposta é simples. Leiam e releiam *Mateo Falcone*. O acto do Corso é violento, desesperado, mas é profundamente humano. Não vejo nelle senão a viciosa alteração de um dos nossos mais altos sentimentos, o sentimento da honra solidaria, da responsabilidade do chefe de familia. De Mateo a Don Jose de Carvajal a distancia é immensa; separa-os um abysmo. E mais não quero socorrer-me a uma consideração que parecerá decisiva a muitas pessoas. *Mateo Falcone* é fundado num caso succedido na Corsega, e que vem contado no diario de um viajante inglez, Benson. Isto porém não me satisfaz a mim. Que me importa que um dos meus semelhantes praticasse um feito extraordinario, se eu me não reconheço na alma d'esse homem, nos seus sentimentos, na sua resolução? Ora, nenhum factó social se produz com esse character de universalidade essencial nas obras d'arte. Ao poeta é que cabe interpretal-os, dando-lhes a verdade superior que em tão subido grau nos apresenta *Mateo Falcone*.

A *Tomada do reducto*, a *Partida de gamão*, o *Vaso*

etrusco, a *Venus d'Ille*, as *Almas do Purgatorio*, não dizem nada de novo aos leitores de *Mateo* e de *Tamango*. Estas narrações, excellentes pela maior parte, todas dignas de sério estudo, não acrescentam uma linha á estatura litteraria de Prosper Mérimée. Provam a fecundidade do seu espirito, a variedade do seu talento; mas nenhuma pôde competir em simplicidade e energia com as duas primeiras, sobretudo com *Mateo*. Não era isto porém um symptoma de decadencia. Em primeiro logar, obras perfectas são sempre excepções; o talento não basta, nem ainda o genio: é preciso um concurso de circumstancias que raras vezes se dá, e que é absolutamente independente da vontade do homem. Por outra parte, *Colomba* estava proxima, e *Colomba* não é uma obra sem antecedentes. É um apogeu, não um ponto de partida.

Colomba filia-se evidentemente na litteratura antiga. A genealogia da joven montanheza da Corsega remonta-se ás mais puras heroínas da tragedia grega. Estas relações não escaparam á observação de criticos taes como Sainte-Beuve, Gustave Planche, Saint-Marc Girardin; mas não era preciso ser um critico eminente para as descobrir. Todos os leitores de *Colomba* que forem familiares com Eschylo e Sophocles ¹, reconhecerão na figura principal d'este romance uma irmã de Electra. A idéa que as domina é a mesma, a vingança. Os meios que empregam para chegar ao seu tão almejado fim são tão pouco escrupulosos da parte da donzella moderna como da parte da virgem antiga. Na tragedia grega, a fatalidade impelle o braço de Orestes, assim

¹ As *Choephoras*, *Electra*.

como, no romance francez, um concurso de circumstancias quasi fataes dirige os dois tiros da espingarda de Orso della Rebbia contra os irmãos Barricini. A obra antiga é mais magestosa, mais elevada, não mais serena, nem mais verdadeira do que a moderna. Colomba está talvez para Electra como uma miniatura para uma estatua (se bem me lembro, é o que diz Saint-Marc Girardin); mas Orso é incontestavelmente superior a Orestes. O progresso realizado nas idéas moraes, da antiguidade aos nossos dias, denuncia-se na comparação d'estas duas figuras. Orestes só é grande pela desgraça, facto estranho á sua personalidade; Orso é grande, porque tem uma vontade varonil e firme que o leva para o bem, porque é um individuo, isto é, uma alma.

A litteratura antiga tem sido ha perto de um seculo objecto de ardentes e ambiciosos estudos. Desde as tentativas de André Chénier, que pretendia escrever o que Homero, Alceu, Theocrito, escreveriam, se vissem no seculo XVIII, até as recentes imitações de Swinburne, muitos poetas modernos teem seguido as pisadas dos sabios, e, auxiliados pelo seu dom privativo, a imaginação, teem procurado roubar ao genio antigo o segredo das suas maravilhas. Todavia os resultados não são animadores, e, neste ponto, a infantaria pesada dos criticos e dos antiquarios tem battido as phalanges aladas dos inspirados. Estava guardada para um homem que reúne os dotes de uns e de outros em grau eminente a gloria de mostrar o caminho que deve seguir a interpretação dos antigos. A imaginação pôde muito, mas a sciencia tambem presta alguns serviços, e o maior de todos é ensinar, pela demonstração das bellezas

das obras originaes, que a imitação nunca póde gerar uma obra poetica. Os modelos querem-se versados assiduamente, para se lhes pedir conselho, nunca para reproduzir as suas bellezas proprias. É conveniente que perguntemos aos classicos como procederam; inquiridos por quem é digno de tractar com elles, respondem sempre com franqueza: mas os que levam a ousadia a ponto de se persuadirem que conseguiram apoderar-se dos seus processos são inevitavelmente punidos, dando a existencia a seres inanimados, sem originalidade e sem possibilidade de viver. Ha escriptores cujas obras são uma lição proveitosa a este respeito. Que vale o *Moisés* de Chateaubriand ao pé dos *Martyres*? Quem ousa comparar a *Noiva de Messina* com *Maria Stuart*? Comtudo Chateaubriand e Schiller são dois dos maiores poetas dos tempos modernos. O seu genio era immenso, e nunca decahiu. Qual é pois a razão da differença? É o processo. *Moisés* e a *Noiva de Messina* não são creações.

A composição de *Colomba* é admiravel. Tudo tende para um fim, a vingança da orfã a quem um crime roubara seu pai. Os amores de miss Nevil e Orso della Rebbia são um idyllio encantado, mas não servem na acção geral senão de obstaculo aos planos de Colomba, concorrendo assim para o effeito final. Orso, educado em França segundo principios muito differentes dos que regulam as acções de sua irmã, reage contra a *vendetta* que tudo lhe impõe, com a honestidade dos seus sentimentos, e com as inspirações do seu amor. Mal pozera o pé no navio que o deve levar á sua patria, começa contra elle a conspiração das paixões nacionaes. Um grosseiro marujo cauta

em trovas rudes mas sentidas o dever imperioso das represalias. Chega, e sua irmã recebe-o de braços abertos; uma immensa alegria illumina o bello e energico rosto da donzella. Mas é essa alegria porventura a sancta manifestação dos affectos fraternos? Não. O que Colomba vê em Orso não é o irmão, é o vingador. Logo lhe expõe as vestes ensanguentadas de seu pai, e o incita, e o fascina com lagrimas, com exhortações, com supplicas ardentes. O mancebo foge áquella tentação, mas perseguem-n'ó outras. Sobee á montanha, e os bandidos fallam-lhe do crime e do castigo; vai prestar os ultimos officios a um visinho, e, ao lado do cadaver, perante uma assemblêa numerosa, Colomba recomeça as suas imprecações. Embalde. A Corsega não vence.

Intervem então o destino. Os filhos do criminoso travam-se com Orso, e os punhaes chegam a sahir da bainha. Colomba aterra os inimigos com as suas ameaças, e, para accender a ira no peito de seu irmão, que ainda não vê convencido do crime dos Barricini, attribue-lhes a elles um insulto que ella propria se encarrega de praticar. Orso, meio abalado, desafia os contrarios, porque o assassinato repugna-lhe; mas o terror que se apoderara dos Barricini impelle-os a dar os primeiros passos no caminho de um novo crime. O moço tenente, atacado á falsa fé pelos seus inimigos, satisfaz emfim o dever nacional e a vingança de Colomba.

Comtudo o romance não está acabado. Orso, ferido e accossado pelos soldados no *maquis* onde se refugiara, é salvo pela coragem de sua irmã, e pela dedicação de um bandido que servira com elle no exercito de Napoleão. A

joven ingleza que é o anjo do amor d'essa lugubre tragedia, guiada por Colomba á guarida de Orso, não tem animo para occultar ao seu amante os sentimentos que elle soubera inspirar-lhe. O pudor britannico foge despeitado diante da franca confissão de miss Nevil, e a excetricidade britannica do coronel Nevil aceita de bom grado uma união aparentemente desigual. O romance vai findar por um casamento, como qualquer comedia de Scribe. Mas o principal criminoso, o velho Barricini, vive ainda. Prostrado pela morte de seus filhos, quasi idiota, o desgraçado parece estar collocado, pela miseria da sua condição, fora do alcance de Colomba. Engano completo! A vingança é o prazer dos deuses e das donzellas da Corsega. A implacavel montanha vai procurar o misero velho ao seu ultimo retiro, e, levantando-lhe diante dos olhos desvairados o quadro horrendo dos seus crimes e do castigo de Deus, esgota até á ultima gota o calix do licor divino. Agora póde acabar o romance. A *vendetta* está completa. Colomba triumpha e o auctor tambem.

A admiravel composição d'este livro não deve porém fechar-nos os olhos aos seus outros meritos. Os caracteres são de uma coherencia muito pouco vulgar. Desde Colomba e Orso della Rebbia até ao coronel Nevil e ao bandido Brandolaccio, nenhum se desmente. O estylo e a linguagem tem todas as qualidades que alcançaram ao nome de Prosper Mérimée o glorioso anagramma descoberto por Victor Hugo, *première prose*; a fabula é a mais interessante de todas quantas lhe tem servido para encantar os seus leitores; e a sobriedade nos incidentes, a que fôra sempre fiel, não impede que a sua obra seja uma com-

posição vasta, muito mais vasta seguramente do que outras que se estendem em centenas e milhares de paginas. *Colomba* é grande, como todas as obras primas, porque nada ahi ha de mais ou de menos. É completa e perfeita.

O *Duplo engano*, *Carmen* e *Arsène Guillot* prestam-se a um estudo curioso. A primeira d'estas narrações mostra um profundo conhecimento, não só do coração humano, mas dos sentimentos e das paixões proprias da sociedade artificial a que os Francezes chamam *le monde*. *Arsène Guillot* e *Carmen* são a historia de duas creaturas perdidas, uma, victima passiva, votada ao vicio desde o berço, e resgatada nos seus ultimos dias pela dôr e pelo arrependimento; a outra, cheia de fogo e de vida, alma vigorosa e depravada, indifferente á dôr, inacessivel ao arrependimento, mas purificada por uma morte singular, quasi voluntaria, e indubitavelmente relacionada com um phenomeno de regeneração moral ainda mais estranho. Ha nestes livros, assim como nas outras composições litterarias de Mérimée, e nos trabalhos a que teem dado logar os seus estudos sobre a litteratura da Russia, uma evidente predilecção por tudo o que sai dos limites da vida regular. Parece-me que, neste ponto, Mérimée tem ido demasiadamente longe. O seu talento prestava-se sem duvida a obras menos excentricas; mas seria reprehensivel exigencia pedir mais a quem tanto nos tem dado.

Os seus trabalhos historicos são modelos de conscienciosa investigação. O *Ensaio sobre a guerra social* elucida um dos episodios mais interessantes e menos conhecidos da historia romana. Apesar da exiguidade do volume, este trabalho é o mais completo que conheço sobre o assum-

pto. Nem os historiadores gregos e romanos, nem os modernos, incluindo Mommsen, souberam traçar um quadro tão vivo e tão exacto d'aquellas luctas fraticidas que começam com as leis agrarias dos Gracchos, e acabam com as exterminações methodicas de Sylla. É a vantagem das monographias. Outrotanto se pôde dizer da *Conjuração de Catilina*, livro cuja leitura recommendo a todos os admiradores de Sallustio.

Na historia, Prosper Mérimée é primeiro que tudo um sabio. O seu talento de narrador e de pintor não o deixa nunca, mas a erudição predomina. Reconhecendo a justiça d'esta observação, que tem sido feita por alguns criticos, aliás benevolos, devo dizer que não acho fundamento para a accusação de reprehensivel insensibilidade que os mesmos fazem ao auctor de *D. Pedro o Justiceiro* e dos *Falsos Demetrios*. O historiador deve manter quanto possivel a imparcialidade de uma testemunha e de um magistrado; é o que faz Prosper Mérimée. Para elle a verdade é o que é, não o que estimaria que fosse. Mas que seja indifferente ao bem e ao mal, que as noções do justo e do injusto tenham aos seus olhos uma significação differente da que teem aos nossos, não posso aceitar. A paixão que se encobre é muitas vezes a mais forte. Prosper Mérimée não é um Suetonio.

Os estudos sobre Grote, Merivale, Prescott, Ticknor, revelam vastissimos conhecimentos, e um senso critico dos mais apurados. Aqui só tenho que censurar a extrema brevidade. Estes trabalhos são como os jambos de Archiloco: o maior é o melhor. A apreciação do livro de George Grote é, não só um excellentes resumo da obra mais con-

sideravel a que teem dado logar, no nosso seculo e em todos os seculos, as tradições hellenicás, mas uma verdadeira philosophia da historia da Grecia. Ao lado dos admiraveis ensaios que o genio dos Addison, dos Steele, dos Macaulay, dos Arnold, popularisou em Inglaterra, os de Mérimée, concebidos num ponto de vista diverso, sofrem a comparação sem desvantagem.

Prosper Mérimée era caracterisado em 1831, por um critico muito subtil, como o artista menos christão da litteratura franceza d'aquella epocha. Outros accusam-n'o, como vimos, de falta de convicções moraes. Seja qual for a verdade, é innegavel que as suas obras dão pretexto a estas observações. Todavia a impressão que ellas produzem no animo do leitor está muito longe de ser pernicioso. A que deverá ser attribuida esta contradicção? A explicação resulta de tudo o que tenho dito. As obras de Prosper Mérimée são verdadeiras. Independentemente das opiniões particulares do auctor, cuja indagação seria provavelmente inutil, e é decerto indiscreta, a sua acção devia ser salutar. A verdade é sempre moral.

BEULÉ ¹

O livro de que vou fallar viu, não ha muito, em França, a luz publica. Comtudo, a maior parte dos capitulos que o compõem appareceram em 1868 e 1869 na *Revista dos Dois Mundos*, e tinham sido anteriormente communicados aos ouvintes da Bibliotheca Imperial sob a fórma de prelecções. O juizo severo que Beulé proferira, no seu curso de archeologia, sobre duas sinistras figuras da historia romana, Augusto e Tiberio, deu logar a numerosas refutações, que não podiam ficar sem resposta. «A vossa severidade para com estes dois imperadores», diziam os adversarios, «é a um tempo injusta e de uma applicação puramente pessoal. Os erros d'estes dois grandes personagens provam contra elles, mas nada provam contra a theoria que elles representam. A inferioridade humana não deve comprometter a magestade do poder. Augusto é um *parvenu*, formado pela guerra civil: Tiberio, um intruso, deformado pela tyrannia de Augusto. Nenhuma d'estas duas almas se desenvolveu

¹ *Le sang de Germanicus.*

espontaneamente, no berço encantador, na serena atmosphera, nas claridades vivificantes da omnipotencia.»

O *Sangue de Germanico* é a resposta cabal á objecção. Ainda quando ella colhesse, nada poderia justificar, perante a historia, Tiberio e Augusto, e muito menos ainda Julio Cesar, o parricida, justificação que tem sido tentada por muitos e dos menos desinteressados apologistas da theoria que esses imperadores representaram. Mas que não colhe, provam-n'o exuberantemente, não só o *Sangue de Germanico*, mas todos os livros imparciaes a que tem dado origem a historia do imperio romano.

Este livro não nos offerece portanto novidade, quanto á idéa fundamental, nem quanto aos principaes desenvolvimentos. É mais um quadro da instructiva decadencia da republica romana durante o principado dos Cesares, quadro muito bem composto, e admiravelmente executado, é mais uma exposição dos temerosos e inevitaveis resultados do poder illimitado, mais uma lição severa aos contemporaneos; não é um informador. Mas, se o assumpto não é novo, grande parte dos factos secundarios são dos que pertenciam ao dominio dos eruditos e dos curiosos; e, neste ponto, Beulé indemnisa-se largamente das repetições a que se viu obrigado, revelando-nos muitas coisas que, sem o seu livro, bem podiam ficar eternamente subtrahidas ao nosso conhecimento, e que, desde já, fazem parte do dominio da communidade litteraria.

Como obra d'arte, o *Sangue de Germanico* só merece elogios. Beulé é um sabio, na rigorosa accepção d'esta palavra. Lá estão para provar a sua competencia archeolo-

gica a *Acropole de Athenas*, a *Historia da arte grega antes de Pericles*, e muitos outros excellentes trabalhos que devemos á penna do illustre secretario da Academia das Bellas Artes. Mas, por um raro e apreciavel privilegio, em Beulé, a sciencia, bem longe de contrariar a arte, só tem servido para offerecer uma base solida ao seu esplendido desenvolvimento. Nada lhe falta, nem sciencia de composição, nem o dom de crear, nem o estylo, nem a paixão.

A paixão! Eis a razão por que o *Sangue de Germanico*, assim com os dois livros que o precederam, *Augusto, sua familia e seus amigos*, e *Tiberio e a herança de Augusto*, não são propriamente livros de historia. Sente-se a cada linha que o auctor não é imparcial. As suas convicções politicas, as suas sympathias historicas, a profunda aversão que ao seu espirito generoso e liberal inspiram as theorias dos seus antagonistas, não pôdem tanto com elle que o levem a alterar os factos voluntariamente, ou ainda a apresental-os debaixo de côres favoraveis á sua opinião. A sua probidade litteraria está immaculada. Mas embora. Onde reconhecemos paixão, vemos o partidario, não podemos ver o juiz. Assim como o juiz, o historiador não se limita a interrogar o reu e as testemunhas, e a ouvir os advogados; o seu officio é mais lato: depois de examinar e expôr, cabe-lhe o pronunciar a sentença. Poderá fazel-o, sem offensa dos seus deveres, se não levantar o espirito acima das considerações pessoaes? Seguro que não.

Beulé figura-se-me, pois, como representando, no processo do despotismo imperial, antes o papel de advogado. Examina os autos, explora as testemunhas, e expõe o facto

como a sua consciencia lh'o representa, mas com a mira no triumpho da causa que defende. A sua oração, vehemente e sincera, vai ser um dos elementos da sentença; não é a sentença.

Todavia, este livro apaixonado e convicto merece séria attenção. Além das eminentes qualidades que o recommendam, e que admiramos nas outras obras do seu auctor, o espirito em que foi escripto, as idéas que nelle são advogadas, a lição instructiva que d'ahi resulta, devem provocar a sympathia de todos os que amam sinceramente a liberdade.

A sociedade moderna, tal como a formou a historia dos quatorze seculos que nos separam do imperio romano, historia de que o nosso seculo é o resultado, vê diante de si muitos e terriveis inimigos, que é dever de todos nós combater incansavelmente, segundo as nossas forças. Em religião, o inimigo é o paganismo. Em philosophia é o materialismo. Na historia, o fatalismo. Na arte, o realismo. Em politica, finalmente, é o despotismo.

Estes inimigos não são forças discordes que empreendem e executem a sua obra maldita independentemente; são alliados, são irmãos, são todos filhos de um mesmo principio: o erro. *Nihil sub sole novum*. Não é de hoje que o erro combate a verdade. Mas é talvez a nossa epocha uma d'aquellas em que a guerra do sophisma tem sido mais temerosa, mais audaz, e ao mesmo tempo mais declarada.

A franqueza é que nos vale. O materialismo do seculo XIX é mais rigoroso que o da antiguidade, mas não encobre a sua hediondez com a brilhante poesia da doutrina de Epicuro e de Lucrecio. O paganismo contemporaneo não é

essa religião sensual a que se devem em parte as maravilhas da arte grega, nem essa tocante tradição da decadencia romana, cuja influencia modificou sensivelmente as práticas austeras da primitiva Igreja; é o culto do prazer instintivo, grosseiro, ignominioso. O fatalismo dos nossos historiadores significa uma coisa muito mais absurda do que a crença dos antigos no destino. Emfim, a arte inspirada pelo realismo não vale nada ao pé dos mais imperfeitos esboços que os Gregos e os Romanos nos deixaram.

Em politica, porém, temos sido mais habéis e mais systematicos do que os antigos. Aqui é que o sophisma tem atacado com mais persistencia, e tão vigorosamente que ameaça triumphar. O que no mundo greco-romano nunca passou de um facto deploravel, só para alguns justificado pela necessidade, real ou supposta, parece destinado a receber de nós a consagração da theoria, assim como tem recebido a prova da experiencia. Esta não lhe tem sido favoravel. Acautelemo-nos d'aquella.

Todos amam a liberdade. Falla-se a miudo dos seus inimigos, mas ha impropriedade no termo. A liberdade não tem inimigos. De uns homens para outros, a differença está só no grau da affeição que lhe tem, ou na extensão em que a consideram. Uns querem-lhe muito, mas querem-n'a só para si. São os Cesares, os Napoleões. Outros preferem-lhe o oiro, as distincções sociaes, os prazeres, a segurança. São os partidarios, os servidores, os escravos dos primeiros. Outros finalmente prezam-n'a com tão puro e desinteressado affecto que a querem, não só para si, mas para todos. São a tribu eterna dos que protestam contra os factos injustos, os homens magros de quem Cesar se re-

ceava, os ideologos que Napoleão não podia ver, são os verdadeiros amigos da liberdade.

O despotismo theorico dos tempos modernos não se contenta com a historia europea anterior á revolução franceza, para sua justificação; pretendendo fundar-se em bases solidas e inabalaveis, vai procurar o exemplo mais celebre da antiguidade, para com elle demonstrar *a posteriori* a verdade das suas doutrinas.

Aqui era inevitavel a adulteração dos factos. O despotismo moderno é o contrario da tradição. A dictadura imperial foi o resultado da decadencia. Hoje os povos, emancipados das tutelas da idade media e dos seus tres seculos complementares, são contrariados nas suas aspirações para a liberdade pelo systema das missões providenciaes e das delegações nos homens necessarios. Em Roma, foi a licença que dissolveu a republica, entregando-a a uma serie de despotas extremamente habeis, que souberam aproveitar as discordias em beneficio do seu poder pessoal.

Quer isto dizer que a dictadura dos Cesares póde explicar-se pela historia anterior da republica, e, assim como se explica, justifica-se a idéa da revolução que elles realisaram, e que foi, em certo ponto, vantajosa, não para a republica mas para a humanidade. Quer dizer tambem que o despotismo revolucionario, pretendendo quebrar com o passado, e impôr á sociedade uma fórma repugnante com os seus direitos e com as suas necessidades, fica sem justificação possivel.

Mostra-nos a historia que a liberdade politica pereceu em Roma sob a violencia de Julio Cesar, e que, vibrados os primeiros golpes, se tornou impossivel aos bons cidadãos

o resuscital-a, nos raros e breves intervallos que a sorte de tempos a tempos concedeu, entre duas tyrannias. Contudo, apesar da centralisação administrativa, que os imperadores estabeleceram, e que só nós, modernos, soubermos exceder, imitando-a, a liberdade local não desapareceu de todo. Os municipios escaparam ao nivelamento. Depois, interveio o christianismo com a sua sublime doutrina, que fazia dos servos de Deus os mais livres dos homens. Depois, surgiram as nações congregadas para a obra da renovação, os povos teutonicos, Germanos, Godos, Lombardos, com os seus costumes estranhos, e com o seu energico sentimento de independencia.

A Egreja refreou o impeto dos Barbaros, converteu-os, e fundou com elles as sociedades de que vimos. A tradição municipal de Roma produziu, combinando-se com os costumes germanicos, as communas. Mas, antes do seu completo desenvolvimento, duas idéas essencialmente barbaras, a identificação da soberania com a terra, e a subordinação de vassallo a suzerano, tinham constituido o feudalismo. Offereceu-lhe batalha a tradição de Roma imperial, e os seus interpretes, os legistas, foram os mais fieis auxiliares dos senhores poderosos que procuravam engrandecer-se.

D'aqui a realeza. Alliada com as communas, combateu os nobres feudaes, e, fortalecida pelo acrescimo de poder que a victoria lhe ia dando, entrou pelas liberdades dos seus aliados. Ao principio ninguem pedia garantias. A realeza era tão fraca! A verdadeira garantia era a facilidade com que os opprimidos se levantavam, era a efficacia com que pediam justiça. Mas a realeza crescia sempre,

porque só nella é que havia unidade e previsão ¹. Chegou o seculo xv, onde appareceram ou se generalisaram os tres instrumentos providenciaes da acção das modernas sociedades, a bussola, a artilharia e a imprensa. Quem lucrrou immediatamente com elles? A realeza. A bussola dilatou os seus dominios, o canhão derrocou as ultimas cidadellas feudaes, a imprensa divulgou as sciencias e as lettras de Roma, cuja auctoridade lhe tinha sido legada. Depois, a guerra tornou-se uma sciencia. Foi preciso estabelecer exercitos permanentes. As nações continentaes, tomadas de sobresalto, cederam neste ponto; e, quando quizeram reclamar, era já tarde. Só a Inglaterra, paiz exclusivamente barbaro, onde a tradição romana não deitara raizes, teve a fortuna de lhe ser proposta a lucta muito mais tarde, quando o exemplo do continente a tinha já precatada. A Grande Rebelião fez triumphar o direito nacional, e o parlamento inglez escapou á annullação que tiveram por sorte as Córtes de Portugal, de Castella e de Aragão, os Estados Geraes da França, da Suecia, da Noruega e da Dinamarca.

A realeza continental é portanto um facto que se propõe necessariamente ao exame dos que estudam a historia, e que deve ser julgado com a ponderação que reclama o seu grande papel. É a nossa historia de tres seculos a esta parte. Fez muito bem. Fez tambem muito mal, mas não tanto seguramente como poderia ter feito, como lh'o consentia a abdicação dos povos, não tanto talvez como teria

¹ Aqui não se considera a Igreja catholica, que em previsão e unidade não cede a nenhuma instituição.

produzido a lucta entre o feudalismo e as communas, se ella se não tivesse levantado como arbitro, e se não tivesse amortecido no seu immenso escudo os golpes de uns e de outros¹. Tem direito ao nosso respeito. Mais, á nossa gratidão. O seculo XIX resulta dos tempos que ella creou. Os homens da geração que inaugurou a nossa era desenvolveram-se sob o seu influxo. Além d'isso, a sua resistencia foi pouco tenaz. O que ainda hoje existe, nesse sentido, é apenas um resto de fidelidade tradicional e poetica, que não ameaça seriamente a liberdade.

As nossas idéas mudaram. A realza antiga podia muito. Nós contentamo-nos com que o estado seja impotente para o mal. Limitamos a sua acção a que o impeça nos outros. É verdade que o tornámos impotente para o bem, mas antes assim. Exerça cada qual a sua liberdade, e o estado garanta a de todos. Este é o direito, e portanto esta é a utilidade.

Vê-se já qual é o inimigo. Acima o deixei indicado. O inimigo é o despotismo, não a monarchia absoluta dos seculos precedentes, a quem devemos muitos e grandes beneficios, e que, entre outros, nos concedeu o de acabar, logo que a sua missão se achou cumprida, mas o despotismo revolucionario, e particularmente uma das suas fórmãs, a que impropriamente se dá o nome de *cesarismo*.

Digo impropriamente, porque o cesarismo de Roma foi, como a monarchia absoluta das nações occidentaes, uma evolução. Ora o cesarismo moderno não é uma evolução,

¹ O exemplo da Inglaterra não contraria este juizo, porque a aristocracia ingleza nunca separou os seus interesses dos interesses do povo.

nem ainda uma revolução, é, em theoria, a violação de todos os nossos direitos, a contradicção das nossas mais ardentes aspirações, a suppressão das nossas mais caras liberdades, é a força infrene, illimitada, fecunda em ruinas, absolutamente esteril para o bem. Na prática não tem ido tão longe. Que teria sido de nós? Mas para lá tende, e lá chegará, se lh'o consentirmos.

O combate tem sido e ha de ser multiplice. O despotismo não está só. As outras fórmãs do erro que lhe são congenitas pelejam a seu lado. Mas este é o ponto decisivo. Triumphemos nós pela liberdade, pela ordem, pelo respeito de todos os direitos, quaesquer que sejam, sem repugnancias, sem receios pueris, e a victoria será nossa em toda a parte. Nas coisas da terra, a liberdade é a fonte de tudo que é grande e bom.

Mas é preciso levantar os olhos e os corações. *Non in solo pane vivit homo*. Vive de esperança, de anhelos para uma vida melhor, vive de ideal. No mundo sensível, não conhecemos senão apparencias. Tudo se nos occulta, tudo nos fascina, tudo nos engana. A realidade, dil-o hei affoutamente, apesar da contradicção das palavras, a realidade é o ideal.

É o ideal que tem feito viver a humanidade. Foi elle que creou a religião na Judea, na Grecia a arte, em Roma o estado, as sciencias positivas nos ultimos seculos, e a caridade, e a sociabilidade, e a fraternidade, e o sentimento da honra, do pudor, do respeito, tudo o que nos ennobrece, tudo o que nos exalta, tudo o que nos faz sahir dos estreitos limites da nossa condição terrestre; emfim, como complemento, em todos os tempos, a liberdade.

O despotismo póde ser combatido philosophicamente e historicamente. A philosophia demonstra. A historia mostra. Ambos os systemas são aceitaveis, ambos teem razão de ser. Eu porém tenho maior predilecção pelo segundo. Está menos sujeito a refutações. É mais concludente: mais accessivel a todos. O livro de Beulé torna evidente uma verdade, cuja divulgação tenho por coisa importante. O despotismo é essencialmente corruptor, e começa por corromper os seus proprios instrumentos. Augusto e Tiberio não significam nada, dizem, porque são meras excepções. Mas essa nobre familia de Druso e Germanico, de Antonia e Agrippina, dando ao imperio um Caligula, um Claudio, um Nero, «um louco, um parvo e um histrião,» esta monstruosidade, talvez sem paralelo, não significará alguma coisa? É o que poderá mostrar o exame dos factos narrados no *Sangue de Germanico*, mormente a quem se não dispensar de recorrer a outros informadores. Nunca serão de mais as forças congregadas para esta cruzada da verdade contra o erro, das legitimas pretensões da liberdade contra as selvagens exigencias da tyrannia.

NAPOLEÃO III ¹

(O MODERNO ANTI-CATÃO)

I

O facto capital do segundo seculo antes de Christo é, em Roma, a guerra sem tregua, coroada sempre pela victoria. Ora, como os vencidos eram os povos mais opulentos do universo, as riquezas augmentavam na cidade, ao passo que a população guerreira decrescia.

Não eram só estas as consequencias fataes da batalha incessantemente recommçada em que os Romanos andavam

¹ *Histoire de Jules César*. Os Cesares são inconciliaveis com os Catões. A memoria do Censor é tão antipathica a Napoleão III quanto era a Caio Julio a do immortal suicida de Utica. Mas a paixão que dictava a Cesar, no calor da peleja, a sua diatribe, é uma circumstancia attenuante que não póde ser invocada pelo seu biographo. A *Historia de Julio Cesar* é todavia uma obra notavel, que honra sobremodo o imperial escriptor.

travados. Os inimigos não batiam ás portas da cidade, como pela sua posição geographica succedera aos Samnitas, e pela invasão a Pyrrho e Hannibal; era necessario ir procural-os além dos mares, á Hespanha, á Africa, á Macedonia, á Grecia, á Asia. O general que rompia as hostilidades sabia que lhe não caberia a gloria de terminar a empresa, se as coisas seguissem o caminho ordinario. Outro mais feliz se aproveitaria dos seus trabalhos, e triumpharia por elles. Tal não podia soffrer o animo inquieto do guerreiro. Para elle, o interesse da patria desapparecia diante de mais importantes considerações. Custe o que custar, cumpre aniquilar o inimigo. Arrisca-se o exercito, aventuram-se as conquistas mal firmadas pelas anteriores victorias, e que pedem uma que definitivamente as consolide... Que importa! E, se bem o pensavam, melhor o faziam. Um unico remedio se apresentava ao senado, que, mau grado seu, não pôde, por mais de uma vez, esquivar-se a lançar mão d'elle: a prorrogação dos magistrados. Então o proconsul, desassombrado do espectro sinistro do seu successor, fazia a guerra segundo as tradições romanas, e geralmente alcançava a victoria. Que era porém um general a quem se entregava com amplissimos poderes um exercito de trinta ou quarenta mil homens, para operar a centos de milhas da patria, e a quem se continuava o commando por tanto tempo quanto elle reputava necessario? Um rei no seu campo, um rei quando dictava a lei aos vencidos, um rei quando regressava a Roma, seguido de um exercito dedicado. Era Sylla, era Pompeu, era Cesar.

Por outra parte, as guerras continuas em longes terras tinham a mais funesta influencia no espirito e nos costu-

mes dos soldados. Até então, os legionarios sabiam conciliar as virtudes do Forum com as dos campos, e era vulgar que os mesmos que tinham sujeitado as nações adversas viessem decidir, como verdadeiros Romanos, da sorte d'ellas, na assemblêa do povo. O respeito da disciplina e o amor da patria, ninguem poderia dizer qual sentimento mais vida tinha em seus peitos. Com as expedições longiquas tudo mudou. O cidadão morreu no soldado. O seu norte não era já a patria, mas o general que de melhor vontade cedia aos seus instinctos, e que instinctos! A sêde do oiro, e a ferocidade natural a um povo de guerreiros. Quando o chefe lhes ia de encontro aos seus desejos, prompto e facil recurso se offerencia nas revoltas militares, de que ha por esse tempo tão feios exemplos, e cuja idéa só por si bastaria para abrasar de vergonha as faces dos veteranos de Cincinnato ou do Temporisador.

Voltava portanto a Roma o magistrado, para sollicitar o triumpho a que lhe dava direito grande matança nos inimigos. Acompanhava-o um exercito, pobre de cidadãos, e rico, riquissimo de escravos. Cingiam-lhe a fronte, não já coroas de loiro, porém milhares de circulos do oiro coronario que a sua cobiça extorquirá ás cidades vencidas. As amphoras que elle levava cheias de vinho voltavam, como dizia Caio Graccho, cheias de oiro. Se, pelo mais estranho dos casos, lhe succedia recear que os da sua provincia o accusassem, d'essas amphoras é que sahiam as provas mais decisivas da sua innocencia. E depois, que juizes ousariam sentencear como culpado o homem que ostentava em seu triumpho tamanha copia de lanças, de espadas, de broqueis, de capacetes, tão esplendidos tropheus, tantos des-

pojos, sublimes attestados da victoria do povo romano? Certo que tal caso, a dar-se, grande assombro devia causar aos elegantes do Campo Marcio e aos velhos juriscultos do senado. Que acontecia então? Raros sentiam a espada da justiça.

Temerosos eram os flagellos que entravam em Roma com o general victorioso. O chefe representava a soberba, a opulencia insolente e a corrupção. O soldados, a licença e a preguiça, que faziam d'elles não menos esforçados peledadores nas luctas dos comicios do que tinham sido na Asia e na Macedonia, contra Antiocho e contra Perseu. Os escravos, os vicios das nações d'onde vinham. O Epirota era feroz, falso e fanatico o Egypcio.

Veloz se propagava a peste pela cidade. O triumphador, desejando, como de justiça era, terminar seus dias num descanso honroso, *otium cum dignitate*, saciando-se de prazeres, como se saciara de gloria, não descansava em quanto não via edificado segundo o seu gôsto um palacio em Roma, e, nos mais formosos logares dos arredores, varias *villas*, residencias commodas e elegantes, cujas descripções humilham os nossos millionariosinhos de hoje, e onde vivia um povo innumeravel de escravos, docéis aos caprichos de seu senhor, e aptos para lhe satisfazer todas as necessidades. Operarios, artistas, grammaticos, rhetoricos, tudo lhe offercia, quando os vencidos escasseavam, o grande mercado de Delos. Na classe numerosa dos que trabalham, os que não pertenciam á sua casa eram para elle como se não fossem.

Avisadamente porém tinha elle andado, rodeando-se de gente que lhe fizesse dispensar auxilios estranhos. Quem,

na ociosidade geral de Roma, poderia prestar-lhe os serviços que a sua condição exigia, se os campos jaziam estereis á mingua de braços que os cultivassem, se os semeadores se iam convertendo em terras pasturaes, se o trabalho servil tomava em toda a parte o lugar ao trabalho livre? Não pertenciam as terras do dominio publico aos cidadãos da sua classe, que sós tinham o direito de as povoar de rebanhos enormes, entregues á guarda de rebanhos humanos? Não lhe era licito o invadir as propriedades dos seus visinhos pobres, para evitar contestações, para que se não ateasse a discordia interna? Se alguém havia que negasse a legitimidade de taes direitos, esse alguém não era o nosso triumphador. Com os seus aprendia, e em breve os pequenos proprietarios tinham que deplorar, e os tribunos frementes que registrar, novas usurpações.

Despovoados os campos de cidadãos, quaes eram os sentimentos dos plebeus urbanos, d'essa horda de libertos, refugio das nações, a quem Scipião Emiliano dizia com indignação, uma vez que elles ousavam interrompel-o: — Calem-se os que a Italia não reconhece por seus filhos! Esses que eu trouxe algemados a Roma não me mettem medo por estarem hoje sem ferros»? E quaes animavam os patricios em relação a essa gente? — De uma parte, o desprezo; da outra, a inveja, o odio.

O mundo vencido tinha-se vingado.

Os factos que acabo de mencionar, e que eram consequencia das guerras com as opulentas e debeis nações do Oriente, são geralmente tomados em consideração pelos que estudam estes tempos; o mais importante, porém, aquelle

sem o qual os outros ficam, a meu ver, por explicar cabalmente, não é de ordinario apreciado como cumpria.

A politica do senado ninguem a podia taxar de menos habil do que fôra a de Appio Claudio Cego e dos antigos conselhos. O velho preceito: *dividir para dominar* era posto em prática com igual dexteridade. A constancia e a magestade, não as tinha o tempo arrancado do peito nem apagado da frente d'aquella veneravel corporação. Os costumes não se tinham tornado mais ferozes, e aos generaes d'esse tempo cabe perante a historia a responsabilidade das crueldades que ella commemora, não ao senado que, por mais de uma vez, manifestou a reprovação que taes actos lhe mereciam. Os membros do conselho honravam-se de um passado mais glorioso que o de seus antecessores, possuíam maiores riquezas, e dispunham portanto de maior influencia. As gerações iam desaparecendo, legando ás que lhes succediam novas tradições de prudente governação. A plebe gozava das liberdades que seus maiores lhe tinham alcançado, e ufanava-se de considerar na sua ordem muitos dos valerosos generaes e experimentados senadores que melhores serviços tinham prestado. Qual era então a causa da desintelligencia que separava os grandes dos pequenos? Uns eram muito grandes, os outros muito pequenos. A classe media tinha desaparecido.

Os nobres do segundo seculo não vinham, pela maior parte, das antigas *gentes*. D'estas, diz-se que por esse tempo apenas subsistiam quinze. Os representantes de todas as illustrações, patricias ou plebeas, herdadas ou pessoas, e, diga-se, por que é verdade, legitimas ou illegitimas, faziam

parte d'essa grande classe que, apesar da sua dupla origem, ou talvez por causa d'ella, o que não maravilhará a quem tem meditado estes assumptos, tractava os que lhe ficavam abaixo com um orgulho tão insolente e offensivo como nunca os Appios Claudios e os Servilios Ahalas tinham tractado os plebeus, nas eras da supremacia patricia. A nova nobreza era cem vezes mais intolerante que a antiga, e a nova plebe cem vezes menos digna de se confundir com ella. Não deve portanto admirar que a desintelligencia fosse augmentando todos os dias, e que as revoluções, que os patricios tinham sabido evitar outrora, fazendo prudentes e uteis concessões, rebentassem por fim com tão medonha furia, e cavando logo um abysmo tão largo e tão fundo entre as duas classes que a reconciliação se tornasse impossivel.

Não julgo porém que o fosse quando Marco Porcio Catão exerceu a sua famosa censura, e aqui o meu juizo diverge inteiramente do que formula o auctor da *Historia de Julio Cesar*.

Catão é, no meu entender, um dos caracteres mais originaes da historia romana, e, para que diga tudo, um dos maiores cidadãos que pela historia conhecemos. Não que pretenda inculcal-o por um homem perfeito, nem que me cegue a ponto de tomar por qualidades estimaveis varias feições do seu character que, em verdade, não merecem a nossa sympathia. Que o grande censor era duro de coração, mordaz, vaidoso, intolerante; que o amor dos bens terrenos o possuia mais do que eu desejara confessar de tão valente soldado, tão nobre cidadão, e tão excellente escriptor, que pagou não pequeno tributo ás superstições do tempo em que viveu, como se vê do seu tractado *De re rustica*, não

..

serei eu que o negue. Mas, se o homem tinha defeitos, e muito grandes, por certo, o cidadão, que é de quem se tracta agora, era, como Bayard, *sans peur et sans reproche*.

II

Em frente d'elle encontrou-se, desde a primeira desavença que sobreveio entre ambos na Sicilia até o desterro voluntario que os separou para sempre, um homem que devia mais á sorte do que ao genio, e cujo character não podia competir com o de Catão. Fallo de Scipião Africano.

Estes dois vultos são de todos os d'essa epocha, tão rica em caracteres elevados, os que mais luz espargem sobre ella. Provém isto não tanto talvez da parte importante que representaram, como de serem elles as primeiras individualidades que francamente se destacam da historia romana, symbolisando, uma o passado radioso, outra o torvo futuro. Coisa estranha! O homem da tradição era um plebeu, o prenunciador dos tempos por vir, um patricio.

Até então, com effeito, mal podemos separar os varões illustres de Roma das condições do paiz e do tempo em que viveram, mal podemos abstrahir essas figuras das qualidades que a historia lhes attribue, e das quaes ellas são para nós como vivas e animadas expressões. Assim, a abnegação de Junio Bruto, a constancia civica de Licinio Stolo, a grandeza de Camillo, a dedicação dos Decios, a integridade de Manio Curio e de Fabricio, a prudencia de Fabio,

o valor de Marcello, tudo pertence ao patrimonio commum do grande povo. A gloria d'estes nomes deve-se, pela maior parte, a Plutarcho. Quantos não seriam credores de igual popularidade! Um me lembra agora, e vem a proposito, já que se falla de Catão; é o d'aquelle tribuno Quinto Cecilio, cuja dedicação o censor celebra num dos fragmentos que restam do seu livro das *Origens*, e cujo destino historico parece adivinhar quando compara os seus feitos com os de Leonidas, que não mereciam maior nomeada. No seu livro (seja dito em abono da minha opinião) Catão limitava-se a designar os generaes pelas magistraturas que exerciam. Julgava ter dito bastante quando tinha dito: o consul, o dictador, o mestre da cavallaria.

Com Scipião Africano e Porcio Catão, o caso é differente. Chamam estas figuras o estudo attento do historiadador por muitas qualidades que até então se não encontram reunidas num Romano, pela grande influencia que tiveram nos destinos da sua patria, e pela originalidade que as caracteriza.

Scipião Africano encontra nas idades modernas um general com o qual me aventuro a comparal-o, esperando que a sua grande sombra se não ire de tal comparação, o duque de Wellington ¹. Já li algures que de todos os semblantes illustres o que maior analogia apresentava com o de Julio Cesar era o do vencedor de Waterloo, sobretudo pelo contraste entre a expressão da bocca e a dos olhos,

¹ Escripto ha cinco annos. Ha nestas palavras, e no que se segue immediatamente, uma evidente injustiça. Wellington não era um homem de genio, mas na guerra e na politica foi um dos primeiros do seu tempo.

que em ambos se observava. Se assim é, ninguém ousará ir mais adiante, sustentando que esta similhaça não era puramente exterior; mas a que se nota entre Scipião e Wellington reside principalmente, abstrahindo por agora da brilhante poesia do Africano, que é privilegio da feliz antiguidade, reside, digo, nos genios e na sorte que a ambos coube.

Um e outro tiveram a desgraça, disfarçada em apparente favor da fortuna, de vencer o maior capitão da sua epocha numa batalha que decidiu dos destinos do mundo. Bem succedidos até então em tudo o que emprehendiam, diríamos que a eterna justiça, que nos parece vagarosa porque está acima do tempo, os quiz punir de tão injusto successo, não consentindo que se conservassem na altura a que por elle tinham subido. Ora, como a altura era prodigiosa, a queda foi enorme. Scipião foi neste ponto o mais infeliz, e era mais digno de que lhe perdoassem as suas prosperidades. Wellington venceu por mero acaso, e o Africano deveu a sua victoria ao excellente exercito que lhe obedecia, e de cujo commando elle se tornara digno por feitos brilhantes. Mas a constituição ingleza favorecia a mediocridade do primeiro, e foi por isso que não desceu tanto como desceu o Africano quando, depois de Zama, recommçou em Roma a vida publica.

O seu segundo consulado foi esteril, escuro o seu governo de Hespanha, pouco gloriosa a sua legação na Asia, ás ordens de seu irmão Lucio Scipião. Passou pelo desgosto de lhe ser recusado o consulado que sollicitava para o seu genro Scipião Nasica e para o seu amigo Lelio, e os tribunos Petilios não o deixavam em paz nem a elle

nem ao Asiatico. Todos sabem com que magnifico e insolente orgulho elle procedeu nestas conjuncturas, como rasgou diante do povo os registros que, segundo dizia, testemunhavam a sua innocencia, como levou a multidão atraz de si, a dar graças aos deuses, no anniversario de Zama, dia em que era chamado a juizo. O effeito é grandioso, e ninguem póde deixar de considerar estes ultimos actos da sua vida publica como uma esplendida mortalha, digna do vencedor de Hannibal; mas, ou eu me engano muito, ou este procedimento é mais uma prova da mediocridade politica que, respeitosaente, e com a devida veneração á sua grande memoria, ousou attribuir-lhe. Não é dado a todos ser mediocre como elle era, como era Mario, como era Pompeu, como era Antonio. Genios de primeira ordem, rarissimos apparecem na historia; mas quando ella nos offerece essas immensas e deslumbrantes visões, como nos parecem pequenos os Marios e os Pompeus diante dos Catões, dos Syllas e dos Cesares!

Não me parece, dizia eu, que os ultimos actos da vida publica de Scipião demostrem grande genio. Vou dar a razão. Scipião gozava em Roma de uma popularidade extraordinaria. O povo tinha querido, segundo diz Tito Livio, nomeal-o dictador perpetuo. É sabido como os feitos militares fascinam as multidões, que, por outra parte, nem sempre negam os seus favores a quem as tracta com sobrançeria. Isto succedia, creio, com a plebe romana, que se recrutava todos os dias, não já das nações visinhas, como nos tempos antigos, mas dos escravos que entravam em Roma presos ao carro do triumpho, e que não podiam, quando lhes quebravam os ferros, achar-se animados do

mais varonil sentimento do cidadão de uma republica, o amor da liberdade. Essa gente amava e respeitava Scipião, o qual tinha sem duvida tambem por si os veteranos das suas antigas campanhas, e os discipulos d'estes. Disponha portanto de uma grande força. Altivo, ambicioso e opprimido, incessantemente atacado por Catão, que não consentia privilegios em Roma, nem ainda os dos grandes serviços prestados, como lh'o exprobroou uma vez Sempronio Graccho, se o character do vencedor de Zama fosse bem temperado, alta a sua intelligencia, e firme a sua vontade, tudo o convidava a tentar uma modificação no governo, com vantagem sua. Uma só coisa poderia contel-o, a virtude civica, o respeito á lei; mas entendo que seria um erro injustificavel attribuir taes sentimentos ao homem cuja ambição, surda e irresoluta como a de Pompeu, perturbou tantos annos a republica.

Parece-me inutil insistir nisto. Scipião Africano apresenta-se aos meus olhos de observador desinteressado como a prophacia dos despotas militares que o futuro de Roma guardava em seu seio. Como elles, encontra na cidade tenaz resistencia aos seus planos, preludia pelas luctas do senado e do Forum ás pelepas do campo, leva a guerra a terras distantes, augmentando por este facto o imperio do general sobre os soldados, vence os inimigos, e triumpho dos seus, impondo ou pretendendo impôr á patria uma auctoridade fundada em victorias compradas com o sangue d'ella. Scipião é o Pompeu do segundo seculo. Este ultimo, temlhe corrido, de annos a esta parte, tão adversa a sorte á sua memoria que muitos tomarão por injuria ao glorioso Africano a aproximação que me occorreu naturalmente.

Comtudo, os pontos de comparação são taes e tantos que, se eu não admirasse em Scipião certa nobreza e coherencia no proceder, que lhe vinha do sangue, e de que não ha signal em Pompeu, diria que nunca Plutarcho fundou os seus parallelos em mais evidentes analogias do que neste caso se dão.

Opponha-se agora a esta notavel figura, grande todavia pelo destino que ainda na morte lhe foi fiel, dando ás suas ultimas palavras historicas, ao seu desterro voluntario, e á sua sepultura em Literno, certa solemnidade um tanto theatral, que, mau grado nosso, nos commove; mas enigmatica, e, para fallar sem disfarce, pouco sympathica, em razão da desproporção que se lhe nota entre o genio e a fortuna, e mais ainda em razão da sympathia que Hannibal sollicita em Zama; a esta figura, triste preludio dos homens que hão de acabar com a republica, opponha-se, digo, o vulto austero de Catão, esse para quem a gloria e o interesse da patria foram sempre a norma das acções; que gastou a vida no serviço d'ella, já nos campos, já no Forum, já no senado, e que teve a merecida honra de lhe prestar, pouco antes da sua morte, o maior serviço que então lhe podia ser prestado, dando o conselho de destruir Carthago, *delenda Carthago...* quem, julgando imparcialmente, hesitará entre os dois?

Era Catão natural de Tusculo. Passou os primeiros annos no campo, amanhando as suas terras, e vivendo a vida simples e frugal do lavrador sabino. Chamado a Roma por Valerio Flacco, que lhe adivinhara o genio, e que foi ao depois seu collega no consulado e na censura, passou rapidamente pelas primeiras magistraturas, e no exercicio

de cada uma deus, de sua capacidade, inteireza e valor, as mais decisivas provas. A desinteligencia que na Sicilia se originara da opposição das suas idéas ás do seu chefe Scipião Africano revelou desde logo o seu genio, esse mixto de bom senso rotineiro e de iniciativa audaz, que tão distinctamente o estrema dos seus contemporaneos. Elevado ao consulado, houve-se na Hespanha segundo as melhores tradições romanas, sem todavia se prender sempre ao que o passado lhe ensinava, e teve a gloria de eclipsar completamente Scipião Africano, que lhe succedeu; tribuno na guerra contra Antiocho, bateu-se nas Thermopylas tão denodadamente e com tão feliz successo que elle proprio se não pejava de dizer, com a sua jactancia habitual, que quem o vira pelejar naquelle dia se desenganara de que a republica devia mais a Catão do que Catão á republica. Na cidade, os sessenta annos da sua vida publica viram sempre nelle um acerrimo perseguidor dos magistrados prevaricadores, e um cidadão inabalavel, sempre disposto para responder em juizo a todos os que o accusavam.

Esta carreira tão brilhante e tão pura, tão civica sobretudo, no verdadeiro e grande sentido d'esta palavra, não tinha ainda chegado ao seu ponto culminante. Diante da corrupção geral, do orgulho imperioso dos proconsules, da insubordinação e licença dos soldados, da perversão dos costumes, da invasão de perniciosas doutrinas, da miseria horrenda e da ruina imminente, era justo que alguém se levantasse, se não como reparação, ao menos como protesto. Para desempenhar dignamente uma tal missão eram ainda pouco todas as qualidades pessoaes, todos os prestígios do nome, todas as garantias do passado. Cumpria que

o homem que a tanto se abalançasse fosse o maior de todos, que o soubesse, e que não consentisse que os outros o ignorassem. Este homem existia então em Roma, e não conhecia o medo. Era Marco Porcio Catão.

III

No estado a que a republica tinha chegado, o homem que pretendesse regeneral-a podia seguir um de tres caminhos:

1.º Reformar pelos meios legaes, atacando as exaltações individuaes, reprimindo o luxo excessivo, melhorando os costumes, vigorando o sentimento religioso, aproximando os grandes dos pequenos pela diminuição do poderio real d'aquelles, e pela elevação do espirito d'estes.

2.º Fazer da populaça de Roma um povo, dando-lhe as terras do dominio publico, usurpadas pelos nobres.

3.º Expandir Roma, chamando ao gôzo dos direitos de cidadão todos os povos da Italia, substituindo á plebe dos libertos homens dignos de decidir dos destinos do mundo. Este projecto, o mais generoso dos tres e o mais fecundo, attribuem-n'o alguns historiadores a Scipião Emiliano. Grandes vantagens d'ahi teriam vindo á republica, se tivesse sido posto em prática expontaneamente, sem que os revolucionarios ambiciosos lançassem mão d'elle como de uma arma contra os nobres, e sem que a sua execução

fosse comprada por uma guerra de extermínio, de irmãos contra irmãos (*Guerra social*).

O plano das leis agrarias foi aquelle pelo qual se sacrificaram os dois filhos do Tiberio Sempronio Graccho. Ao seu intento assistia a maior justiça. Mas, além de ser uma medida violentamente espoliadora, e como tal extraordinariamente impolitica, o seu plano nascera com um vicio caracteristico, que mata todos os planos d'esta natureza: era impraticavel. Ter morrido por elle é, e será, a eterna gloria dos dois tribunos, mas as nossas apreciações devem manter-se, quanto ser possa, independentes dos prestigios que a historia recebe da poesia das grandes tragedias.

A censura de Catão e Valerio Flacco foi um acontecimento mais consideravel do que parece julgar o auctor da *Historia de Julio Cesar*. Os nobres tremeram, e a plebe enthusiasmada levantou-se um momento, pela admiração e pelo reconhecimento, do estado abjecto em que a tinham a sua origem e os seus costumes. Mas, se não era impossivel reconciliar esses nobres imperiosos e myopes, e esses plebeus degradados, com o concurso dos bons cidadãos, que applaudiam as medidas severas dos censores, todos os esforços ficavam necessariamente baldados para o homem que pelejasse só.

Foi o que aconteceu. Explica-se este successo pela influencia que a Grecia começava por esse tempo a exercer no espirito dos Romanos. De todas as doutrinas philosophicas, só duas se poderam acclimar no solo latino, como em terra que lhes era propria: o epicurismo e o estoicismo. Lisongeava a primeira os materialistas, que a adoptavam no seu mais grosseiro sentido, sem lhe compre-

hender a sublime significação, o fructo amargo mais salubre, occulto na folhagem esplendida. Esses eram naturalmente os adversarios de Catão. O estoicismo satisfazia pela sua simplicidade e rigidez ás tendencias austeras dos graves cidadãos, e, ajudado pela sciencia do direito ¹, que foi sempre a sciencia romana por excellencia, aconselhava antes a meditação do que a acção, a resignação em lugar da lucta. Sem apoio firme nos bons, e atacado furiosamente pelos maus, Catão não pôde levar a melhor da reacção aristocratica e demagogica. Comtudo ninguem se orgulhou de o ter visto por terra. Perdeu-se a batalha, mas o soldado recomeçou a pelejar no dia seguinte, continuou incansavel até o ultimo dia da sua vida, e levou para a sepultura a patriotica satisfação de ter visto partir a expedição que destruiu Carthago.

O auctor da *Historia de Julio Cesar* julga em poucas e desdenhosas palavras Marco Porcio Catão e a sua censura. Condemna esta sem remissão, e apenas louva no grande cidadão a sua inteireza e as boas intenções que o animavam. Não posso aceitar este juizo. A resistencia de Catão aos vicios do seu seculo pôde parecer aos homens de hoje, menos activos e mais scepticos, uma louca tentativa, se não considerarem que a apreciação dos factos varía com os tempos, e que as circumstancias que mallograram as diligencias do censor difficilmente podiam ser previstas pelos seus contemporaneos. Como prova d'isto, basta a estatua que o povo reconhecido lhe erigiu depois da sua censura. O projecto de regenerar a republica pelos

¹ Refiro-me á influencia da jurisprudencia na politica.

meios legais e regulares é digno de louvor, e, se vamos a decidir-nos neste caso pelo resultado, corre também gravíssimo risco perante nós, não só a tentativa dos Gracchos, mas ainda aquella que os admiradores a todo transe da obra de Cesar tão complacentemente attribuem ao seu heroe.

Em quanto ao homem, menos posso aceitar o juizo do auctor da *Historia de Cesar*. A injustiça aqui é flagrante. Já reconheci que Catão Maior pagou largamente o tributo que todos devemos á imperfeição humana; mas a par dos defeitos, de que ninguem é isento, que grandes qualidades! Que valor, que probidade, que perseverança no bem, que dedicação pela patria! Que amor ás lettras, que admiração pelo glorioso passado do seu paiz, ao qual elevou o mais solido monumento no livro das *Origens*! Quantas virtudes privadas! a justiça, a moderação affectuosa para com os seus, a constante sollicitude em relação ao filho que a morte lhe levou na flor dos annos e das virtudes! Parece que tudo nelle tomava um character forte, grave, sereno, isto é, romano.

Catão é accusado de ostentação de desinteresse, por ter vendido o seu cavallo, quando voltava de Hespanha, com o fim de poupar á republica a despesa do transporte, e de severidade ridicula, por ter imposto, quando censor, certas penas que hoje não parecem apropriadas aos delictos a que se applicavam, mas que então o eram. Futeis accusações são estas, antes de certo modo elogios. Parece também digno de censura que castigasse os vicios nos outros, quando se não podia dizer isento d'elles. Admittida esta opinião como correcta, onde poderíamos encontrar juizes?

Condemna-se como impolitico e deshumano o seu conselho de destruir Carthago, e não escapa aos reparos a guerra que moveu Scipião Africano e á sua familia, o orgulho *estupido* que mostrou em Athenas, negando-se a fallar em grego, e o odioso e *rotineiro obscurantismo* que deu a conhecer, expulsando Carneades e os philosophos que com este tinham vindo a Roma.

Examinemos estes articulados, que vale a pena. O famoso *delenda Carthago* não era deshumano nem impolitico. Catão não pedia o exterminio dos Africanos; a sua vida está limpa de factos que abonem quem tal propozha hoje á historia. O que o seu prudente patriotismo exigia do senado e do povo romano era que se aniquilasse o irreconciliavel inimigo, que elle encontrara, não muitos annos depois da segunda guerra punica, pavorosamente medrado em forças e riquezas, que tão perto demorava da cidade, e cujo espirito publico se retemperara na adversidade, ao passo que o de Roma se ia corrompendo com a fortuna. Conhecer o perigo, denuncial-o, e não cansar de pedir que lhe acudissem, foi o que fez Catão com a sua admiravel penetração e constancia. É verdade que Scipião Nasica Corculum costumava rematar as suas orações com uma phrase contraria ao *delenda Carthago*; mas não veja nisto senão um acto de opposição, sem importancia. Nasica era um modelo de virtudes, mas, como politico, ninguem se lembrará de o oppôr a Catão.

Continuemos. Supposto que, em logar de Catão, fosse Caio Julio ou outro Romano sympathico aos admiradores do grande dictador que em Athenas se servisse do seu idioma, desprezando o dos vencidos, não seria este facto

elogiado como um acto de dignidade, proprio do representante do povo togado?... *Tu regere imperio populos...* Em quanto á expulsão dos philosophos em 155, é justo observar que os companheiros de Carneades, um estoico, outro peripatetico, isto é, seguidores de nobres doutrinas, não encontraram em Roma senão indiferença, e que a voga procurou exclusivamente o sophista da Nova Academia, que professava o mais absurdo scepticismo, e cujo ensino era profundamente immoral. Que devia fazer um homem religioso, como era Catão, severo de principios, e bastante perspicaz para antever as consequencias de tão perniciosas doutrinas? Não vamos exigir agora que o velho censor respeitasse, ha mais de vinte seculos, o principio da liberdade de ensino que ainda hoje não está formulado nas nossas instituições. Por mim digo: quando não houvesse na vida publica de Catão outros factos comprovadores da sua sollicitude pela patria senão este e a parte importante que teve na medida adoptada pelo senado em 161 contra os philosophos gregos, taes factos bastariam para lhe gran-gear a minha admiração. O assiduo cultor das letras, a quem Roma deveu a iniciação na grande prosa litteraria, o eloquente orador, o curioso investigador do passado, o ardente commemorador das glorias do seu paiz, que na velhice se deliciava com os auctores gregos, deve estar livre de que o accussem de escuridade intellectual. Ora a isto ia dar a censura. Não descansará um dia na sua honrada sepultura o velho athleta que tão melancolicamente dizia nos seus ultimos dias: É triste ser julgado pelos homens de uma geração com que não se tem vivido? Renovar-se hão incessantemente os assaltos, ainda os mais in-

justificáveis, á sua memoria, que por tantos motivos devia ser respeitada? Rechacemos o ultimo, que guardei para com elle dar fim a estas considerações. Longas vão ellas já, mas eu não posso separar Catão da liberdade romana, cuja agonia começa com a sua morte, e, por outra parte, parece-me que no paralelo dos dois mais consideráveis cidadãos de Roma, da segunda á terceira guerra punica, se revela o sentido historico de toda essa epocha. Creio que a opposição de Catão a Scipião e aos seus nunca foi pessoal. Se o fosse, nem elle teria cedido diante do desterro para Literno, nem teria mostrado sempre, como mostrou, a maior estima pelo neto adoptivo do vencedor de Hannibal. O que o censor guerreou sem tregua no seu adversario foi esse character sobranceiro, improprio do cidadão de uma republica, foi esse desprezo das leis e dos costumes, que mais do que tudo contribue para a ruina dos estados, foi essa inadmissivel pretensão de impôr a propria auctoridade, á sombra da gloria que pela patria fôra alcançada, isto é, a pretensão de tornar o eterno e absoluto, que é o estado, dependente do passageiro e contingente, que é o individuo.

Permitta-me portanto o illustre auctor da *Historia de Julio Cesar* que considere esta lucta como um dos titulos pelos quaes o censor mais se recommenda á admiração da posteridade. Se, como diz no prefacio do seu livro, a verdade historica deve ser tão sagrada como a religião, não posso absolver quem nega a grandeza civica de Catão, assim como não absolveria quem negasse a grandeza moral do seu bisneto.

LUCIANO ¹

É muito util o estudar os historiadores da antiguidade grega e romana, já pela excellencia das qualidades dos seus escriptos, já porque só assim se póde avaliar cabalmente a immensa superioridade dos modernos.

Quando digo *modernos* refiro-me aos historiadores do seculo XIX. É sabido de todos como as sciencias historicas se teem desenvolvido de cincoenta annos a esta parte, como, em tão curto espaço, o ambito das suas investigações tem sido prodigiosamente dilatado. O cabedal que, nesta provincia litteraria, legamos aos vindouros é maior e mais precioso do que era o que recebemos dos nossos predecesores.

A historia, qual hoje a comprehendem, abrange não só os fastos dos povos, a biographia dos principes e dos cidadãos eminentes, as guerras, os tractados, as revoluções,

¹ *Como se deve escrever a historia.* Este curioso trabalho do Voltaire da antiguidade suggeriu-me a idéa de expôr a concepção moderna da historia, indicando tambem summariamente as grandes qualidades dos auctores classicos.

mas outros muitos factos ainda. São do seu dominio todos os que retratam ao vivo as feições caracteristicas do passado, todos aquelles cujo exame concorre para a resurreição perante os olhos do presente de cada um dos entes naturaes, collectivos, que chamamos nações.

Assim, aos annaes, á commemoração dos feitos extraordinarios, á narração das anedotas curiosas, succedeu a historia completa da vida das sociedades, a historia politica, a historia litteraria e scientifica, a historia religiosa, a historia economica, e a historia dos costumes.

Não é só aqui que se dá a transformação. O methodo que empregamos é outro; o alvo a que miramos está mais alto. Os historiadores antigos eram faceis de contentar no tocante a informações, recorriam pouco aos monumentos originaes, criticavam com reprehensivel desleixo as tradições e os documentos. Pelo contrario, os reformadores da historia no nosso seculo, Niebuhr, Augustin Thierry, Guizot, Herculano, Mommsen, Cantu, Grote, Prescott, se algum ponto ha em que os achemos todos conformes, é, sem duvida alguma, na seriedade da critica, no escrupuloso indagar, no empenho acerrimo em recorrer sempre ás fontes.

O seculo XVIII viu nascer uma sciencia nova (*Scienza nuova*) que tem sido uma das causas mais poderosas da reforma dos estudos historicos, a philosophia da historia. Vico, tirando dos factos que o passado lhe offerecia a lei do nascimento, progresso, organização e decadencia dos povos, lançou as bases de uma sciencia positiva que nós ainda não conseguimos edificar, e cuja constituição tem de ser talvez a maior gloria da geração que começa.

Vico errou em muitos pontos. Observou mal, e ainda

do que observou bem concluiu a miudo viciosamente. Mas a sua gloria ficou intacta. A grande descoberta foi a idéa, a *lembrança*, como se costuma dizer. D'ahi para diante o caminho era fragoso, estreito, estorvado por muitos e formidaveis obstaculos naturaes; mas sabia-se onde começava, conhecia-se a direcção que seguia, e antevia-se aonde ia dar. Eis o que devemos a Vico.

A philosophia na historia não era nova quando Vico escreveu o seu tractado. Raro historiador se encontrará, ainda entre os mais aridos annalistas, que não mostre particular empenho em communicar ao leitor as reflexões que os factos narrados no seu livro lhe suscitam. Desde as profundas considerações que Thucydides condensa numa só phrase, ás vezes na simples união de duas palavras, até ás diffusas razões tão agradavelmente adduzidas pelo engenhoso Plutarcho, encontramos, circumscrevendo-nos ao campo da litteratura historica da Grecia, exemplos numerosos para mostrar a verdade da asserção acima exarada. E não são só os historiadores. Aristoteles, o politico experimental da antiguidade, e Cicero, e Horacio, os philosophos, os oradores, os poetas, todos fazem o seu juizo, todos apreciam, commentam, refutam, os escriptos e os escriptores.

Mas isto não é sciencia. Assim não se estudam factos, não se formulam leis, não se estabelecem principios. De opiniões individuaes, muitas vezes infundadas, temerarias, caprichosas, determinadas por circumstancias accidentaes, nunca se pôde formar um corpo de doutrinas susceptivel de ser conservado, transmittido, e modificado pelos espiritos que o recebem.

Depois de Vico mas antes da divulgação do seu systema,

offerece-se á nossa consideração um exemplo insigne, que mostra a superioridade do methodo moderno, em parte devida á philosophia da historia. Gibbon, o grande historiador da *Decadencia e queda do imperio romano*, o homem a quem devemos a construcção do maior monumento historico que se encontra desde a composição das *Decadas* até o começo do nosso seculo, não logrou aproveitar os dotes do seu raro engenho e os recursos da sua extraordinaria erudição, fecundada pelo mais aturado e consciencioso trabalho, de um modo satisfactorio. A sua obra, com ser o manual indispensavel de todos os que querem saber como acabou a velha sociedade, e a nova surgiu, não póde todavia ser lida sem grande cuidado, sem critica severa, e, é triste dizel-o de livro tamanho, sem uma profunda desconfiança. Que faltou a Gibbon para produzir uma obra proporcionada ás riquezas de que dispunha? Compreender a acção do christianismo e a missão dos Barbaros. Faltou-lhe a philosophia da historia.

O methodo que empregamos é mais seguro. O nosso fim é mais sublime. Gibbon e os antigos pretendiam ser uteis. «O objecto da historia» dizia Luciano «é a utilidade;» e este parecer é aceito por muitos escriptores. Aceital-o hemos nós, homens do seculo XIX? Seguro que não. O objecto da sciencia são os factos geraes do universo; o seu fim é conhecer. A sciencia é desinteressada, e póde sel-o affoutamente, porque sabe que todos os conhecimentos são uteis. Mas o que lhe não compete é realisar essa utilidade.

A missão da historia é, como já foi dito, resuscitar os homens do passado com as suas crenças, as suas opiniões, as suas instituições e os seus costumes; é tornal-os nossos

contemporaneos pela judiciosa selecção das acções que nos refere, e pela verdade dos caracteres que nos representa.

A historia não tem portanto de reproduzir fiel e servilmente todos os factos conhecidos. Deixa esse cuidado ao chronista, ao erudito, ao estatístico. A historia escolhe. Separa o que é geral, e do particular o que tem maior character de generalidade, e, vivificando as acções inertes pela pintura dos seres cuja actividade as produziu, revela aos homens de hoje os seus antepassados, não como elles se consideraram, mas como realmente foram.

O campo é vastissimo. Falta muito que arrotear. Mas os resultados são já deslumbrantes. É incontestavel para todos os que estudam seriamente estas coisas que nós conhecemos muitas epochas, de que restam valiosos monumentos historicos, melhor do que os proprios informadores que nos instruem as conheciam. Grote corrige Xenophonte e Plutarcho, ia quasi a dizer que sabe da guerra do Peloponeso o que Thucydides nunca soube; Niebuhr reconstrue a primitiva historia romana por meio das formosas lendas de cuja verdade Tito Livio, que nol-as transmite, duvidava; Augustin Thierry diz a respeito da conquista da Inglaterra pelos Normandos tudo o que dizem os seus fiadores, e o que elles ignoravam; finalmente, para mim não parece duvida que a leitura da *Egreja romana e o primeiro imperio* do conde d'Haussonville causaria uma profunda surpresa aos actores do drama que esse admiravel livro nos reproduz, se lhes fosse dado ouvir a sentença que a seu respeito acaba de ser imparcialmente proferida no tribunal da historia.

D'aqui se vê que para quem quizer conhecer o mundo

antigo não lhe basta compulsar os narradores, os biographos, os monographos mais minuciosos. Em todo o corpo da litteratura, e não só ahi, no quadro das instituições, nas reliquias das artes, nas moedas, nos monumentos epigraphicos, ha uma copia immensa de noticias cuja importancia é capital, e sem as quaes ninguem poderá entrar profundamente no viver d'aquellas sociedades.

Mais. Duas sciencias ha cujo conhecimento importa ao historiador, e que teem recebido dos modernos um desenvolvimento tal que se póde dizer que estão outras, a geographia e a chronologia. A intima relação em que o homem se acha com o territorio que pisa e com a epocha em que passa no mundo tem para nós uma significação que os antigos nunca lhe deram. Não é portanto de admirar que elles descrevessem a terra, e computassem o tempo, com pouco cuidado, e que o imperfeitissimo conhecimento que tinham dos outros povos lhes fizesse dar ouvidos a quantas patranhas referiam os viajantes imaginativos, e os ultimos representantes das velhas castas sacerdotaes.

Mas não terão os historiadores antigos, esses homens cujos nomes desde crianças aprendemos a venerar como de mestres, como de grandes, como de heroes da litteratura, algum merito particular que justifique a persistencia dos louvores que todos lhes tributam? O nosso respeito pelas suas obras será uma superstição? Hoje que os escriptores, guiados por um methodo mais perfeito, recorrendo a mais numerosas informações, abrangendo maior numero de factos sob um só ponto de vista a que todos ficam subordinados, emfim, trabalhando mais aturadamente, nos apresentam um quadro mais vivo e mais fiel das sociedades extinctas, será

necessario, será util, voltar a esses livros velhos cujo cabedal scientifico passou para os seus felizes herdeiros ?

É util e é necessario. Os Gregos e os Romanos foram o que nós não somos na historia. Foram artistas.

Entre nós ha excepções. A composição da grande obra de Augustin Thierry é magistral. A narração da batalha de Hastings, o livro nono da *Historia da conquista da Inglaterra* são dignos da antiguidade. Na *Historia de França* de Michelet ha paginas de uma poesia inspirada como já as não lemos nos livros dos poetas. Nos ultimos trabalhos historicos de Guizot, na introdução á *Historia da Inglaterra* de lord Macaulay, a belleza da fórma corre parelhas com a profundeza do pensamento. Mas, sem embargo, neste campo os antigos triumpham.

Perfeição do estylo, sciencia da composição, naturalidade extrema filha de uma arte refinada, simplicidade, elegancia, gôsto, e, a par de todas estas excellencias, grandeza epica no plano, movimento dramatico na acção, verdade profunda na pintura dos homens, são qualidades que ainda hoje parecem privilegio d'aquelles primevos escriptores, tão grande é a este proposito a distancia que d'elles nos separa.

Descontando o que lhes facultou a natureza dos seus idiomas, e a util obrigação que lhes impunha a ignorancia da imprensa, reconhecerão ainda assim os espiritos imparciaes que os antigos respeitavam ingenuamente aquelles para quem escreviam. Queriam instruir, mas faziam-n'ó associando o bello á verdade. Estaremos nós condemnados a ver quasi sempre separadas estas duas faces da mesma idéa ?

Espero firmemente que não. Mas é necessario que as boas doutrinas se propaguem, urgente que os modelos consagrados pela admiração dos seculos sejam, como prescrevia o poeta das *Satyras* e das *Epistolas*, versados noite e dia. Ora, entre os grandes nomes da antiguidade classica, avultam os d'esses homens cujas obras são tão pouco conhecidas directamente no nosso paiz, e que se chamaram todavia Herodoto e Tito Livio, Thucydides e Sallustio, Xenophonte e Cesar, Polybio e Tacito.

FIM.

INDICE

| | Pag. |
|--|------------|
| OS FUNDADORES DO IMPERIO ROMANO : | |
| I CESAR | 5 |
| II AUGUSTO | 33 |
| PROSPER MÉRIMÉE | 53 |
| BEULÉ | 81 |
| NAPOLEÃO III | 93 |
| LUCIANO | 115 |

ERRATAS

| <i>Pag.</i> | <i>Linh.</i> | <i>Erros</i> | <i>Emendas</i> |
|-------------|--------------|---------------|----------------|
| 83 | 11 | com | como |
| 86 | 4 | anterior | posterior |
| 89 | 29 | aristrocracia | aristocracia |
| 97 | 9 | lhe | lhes |
| 111 | 3 | moveu | moveu a |

Preço 400 réis

~~~~~  
**(DO MESMO AUCTOR)**

**DOIS ANNIVERSARIOS ..... 1 vol.**  
**LA NEUTRALITÉ ..... 1 vol.**







